



VICENTE DO RÊGO MONTEIRO

Chão-De-Pedra

Sol-De-Fôgo

JOSE RODRIGUES DE PAIVA

O rijo sol-de-fogo,
a pedra, a planta brava,
ausência d'água, a seca,
a vida que se acaba.

O homem que resiste,
guardando a vida, a morte,
comendo o pão-de-pedra,
sofrendo a própria sorte.

A terra que se acende,
o fogaréu, as chamas,
calor de muitos sóis,
braseiro que se inflama.

Os bichos que agonizam,
o chão estorricado,
o mundo se acabando
ou sendo devorado.

O tempo que parou,
a pedra calcinada,
sinais tristes de fome,
a morte de emboscada.

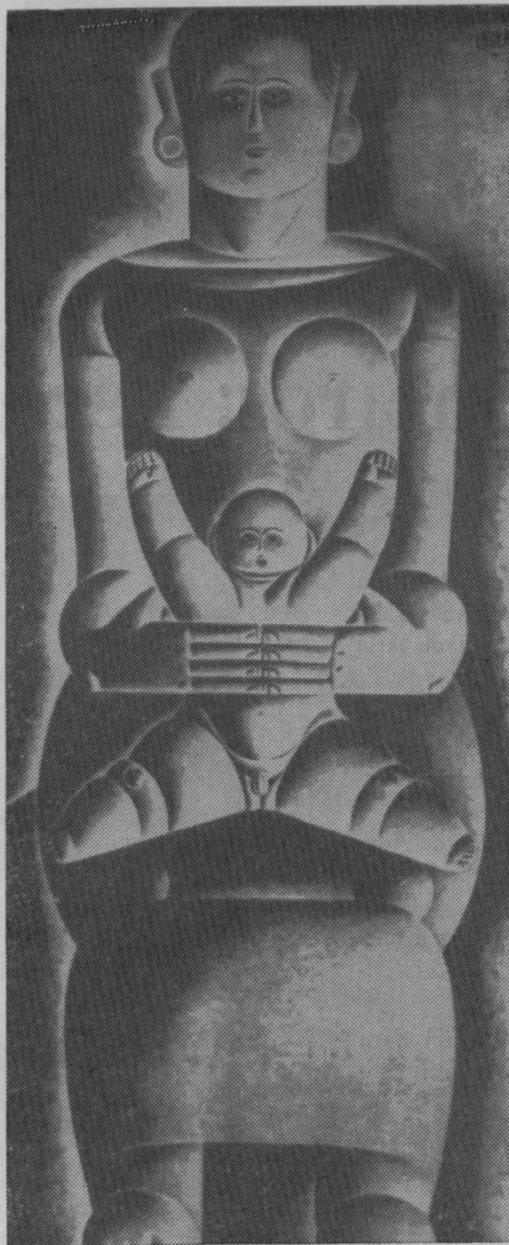
O céu azul, sem nuvens,
cobrindo a terra morta,
no chão-de-pedra em brasa
a vida sempre aborta.

Um sôpro de esperança,
o tempo que se muda,
o homem espera e reza
que venha logo a chuva.

O azul do céu se esconde,
as nuvens nascem grossas,
os pingos caem gordos,
das pedras nascem roças.

A madrugada canta,
os galos desafiam,
o mundo ressuscita,
nas vozes que se agitam.

O milharal verdeja,
o sol doura as espigas
e os homens na colheita
entoarão cantilgas.



"N. S. do Brasil" é o título desse quadro do pintor pernambucano Vicente do Rêgo Monteiro, que participou da Semana de Arte Moderna em São Paulo em 1922. Recentemente, Vicente voltou a expor no Recife. Mais fotografias de quadros seus e um artigo do sociólogo-antropólogo Gilberto Freyre sobre o pintor estão na última página deste jornal

Situação do "Papa-Figo"

ALBERTO CUNHA MELO

Algo no rosto de fulano
faz as crianças escalamem
o alto declive. Lá de cima
jogam trin'a ou quarenta pedras.

Não há por perto um cajueiro
em que possa escudar-se, e as mãos
de tal forma da mesma carne
são um escudo doloroso.

Deve por enquanto pular
e desviar-se dos maiores
seixos, a figura dançante
de macacão azul-marinho.

Felizmente apanhou do chão
o livro que trouxera, e vai
colocá-lo diante da face
para salvar-se uma vez mais.

No dia seguinte os meninos
não poderão sair de casa:
quanto mais a golpeiam, tornam
mais horrorosa aquela face.

Os Bichos

MARCUS ACCIOLY

A onça

O — Rumor entre fôlhas — os sóis abrasados
Os pássaros mudos — confins do Sertão
Garganta vereda covil chapadão
Desertos lajedos caatingas cerrados
A marca profunda dos rastros pesados
O andar sorrateiro com jeitos de dança
A boca feroz sob a pele tão mansa
O salto e o rugido suspensos no espaço
Os dentes de pedra e as garras de aço
Pupilas de sangue nos olhos da onça.

O boi

S — A nua caatinga de rastro sem pasto
Roseta de fogo sol-ouro metal
Espinho caminho porteira curral
Atalho ramalho chapada e arrasto
Os olhos maiores no mundo mais vasto
O aço dos chifres nos ventos incertos
O urro de ferro nos plainos desertos
A rosa da marca ferrada no couro
A fôrça de macho dormida no touro
E o passo ronceliro dos cascos abertos.

O cavalo

B — Ponteiros do tempo correndo nas horas
Trovejo de cascos nos seixos luzentes
O ferro do freio seguro nos dentes
A rosa dos ventos das largas esporas
Os olhos de noites varados de auroras
As léguas de sol da caatinga mais rasa

A vida que dentro da morte se apraza
O orvalho da manta nos pêlos das ancas
As patas e crinas — estrélas e manchas
E o fole das ventas nas pedras de brasa.

O jumento

I — Pestanas de nuvens no olhão do solo vivo
O céu de dragões entre espadas vermelhas
As fôlhas de abano das grandes orelhas
Os cascos rachados no solo exaustivo
A seca a caatinga o oceano arbustivo
O poço das águas que a sede descobre
Os ossos debaixo dos pêlos de cobre
A sempre-odisséia do audaz andarilho
O pasto de areia e sabugo de milho
E o zurro-relógio do horário de pobre.

O carneiro

C — Graúna asa-branca araponga acauã
A barra nascendo da língua do galo
Bandeiras de abóios — rinchar de cavalo
Plumagem do tempo nas cãs da manhã
O vento embolando capuchos de lã
Os joelhos dobrados no chão de cascalho
O couro curtido no espesso agasalho
A flor de algodão na tesoura da cêrca
O berro-balido nas quadras da seca
E o sol pendurado no sino-chocalho.

A cabra

H — Ramagem de ventos crescendo na serra
O chão semeado de seixos exatos

A fome de pedra na boca de cacto
Raízes de arame nos ossos da terra
A roda do sol que no eixo se emperra
O ar ruminante Sertão fôlhamarga
Os olhos de sede na carne mais magra
A canga-cruzada que serve de tranca
A noite nos pêlos — os pés de alavanca
O diabo vestido no couro da cabra.

A cobra

O — A trilha mais lisa de rastro comprido
O silvo da língua saída dos dentes
As fôlhas polidas na lixa do ventre
A espessa rodilha do laço encolhido
As malhas de tinta e escamas de vidro
O sempre ajeitar-se na lenta manobra
O couro de anéis que no ar se desdobra
As voltas e rôscas de moles deslizas
Os ímãs dos olhos com suas raízes
A morte escondida no salto da cobra.

O cachorro

S — O faro dos bichos no preto focinho
Facão espingarda mundéu arataca
As curtas orelhas cortadas à faca
Os olhos botando sentido ao caminho
Um cheiro de caça no mato de espinho
O sol de esmeril sacudindo limalhas
Palmeira nanica — ciranda de palhas
Latindo acuado na flor da garganta
O facho de pêlos que a raiva levanta
E os dentes abertos com suas navalhas.



Um Sonho de Pioneiros: Escola de Belas Artes

“As Fronteiras últimas entre Música e Poesia” foi o tema da palestra do prof. Luís Soler na solenidade comemorativa do 9º aniversário da fundação do Curso de Música da Escola de Arte da Universidade Federal de Pernambuco.

Com palavras alusivas à data, do diretor, prof. Jaime Oliveira, seguiu-se uma audição de alunos: Henrique Annes, ao violão, executou o Estudo nº 1, de Vila Lóbos, Sonatina, de Moreno Torroba e O Besouro, de Emílio Pujol.

Antônio Carlos Nóbrega de Almeida, ao violino, executou Adagio e Allegro, da Sonata em Fá maior de Handel e Liebesleid de Kreisler.

A Classe de “Canto Coral” da Escola de Artes entoou a missa “Emedemus” de Palestrina e “Sanctum Quoque” de Luiz Álvares Pinto.

Os alunos foram acompanhados ao piano pela profª Sara Kauffman. A classe de Canto Coral foi regida pelo seu prof. Jaime Diniz.



ESCOLA DE ARTES, 27º ANO

Nossa Escola de Artes, — até antes da reforma universitária chamada de Escola de Belas Artes, entra no seu vigésimo sétimo ano de existência, uma vez que foi instalada oficialmente a 20 de agosto de 1932. Contudo, nessa época, a Escola era uma fundação particular, concretização do sonho de um grupo de idealistas. Só em 1950 foi federalizada.

O GRUPO FUNDADOR

O Recife já possuía sua Faculdade de Medicina, a Faculdade de Direito já era célebre em todo o Brasil, entretanto, no setor artístico nada havia. Quem quizesse seguir uma carreira artística que fôsse para o Rio, onde funcionava a Escola Nacional de Belas Artes. Os jovens artistas do Recife, vindos, quase todos eles da Escola Nacional, muitos com cursos de extensão no exterior, decidiram que o Recife devia possuir uma escola de artes à altura do seu progresso. Assim, em 1931, nos moldes da Escola do Rio, e pelo decreto 19.852, foi fundada a Escola de Belas Artes, que englobava arquitetura, pintura, escultura e gravura. Posteriormente arquitetura constituiu unidade à parte e a Escola incluiu outros cursos.

Mas lembremos alguns dos idealistas do grupo fundador: Jaime Oliveira, atual diretor da Escola, é um dos pioneiros e com ele Murilo La Greca, Mário Nunes, Baltazar da Câmara, Newton Maia, Cassimiro Correia, Gervásio Fioravanti, Barreto

Campelo, Manuel Augusto, João Alfredo Gonçalves da Costa Lima, Fédora Monteiro entre os que estão vivos, nomes que são um atestado do valor da Escola, desde o início.

Mas, muitos outros alicerçaram-na com a validade de suas presenças e o valor pessoal de que eram donos, todos eles, gratas recordações para os que foram seus alunos e admiradores. Citemos alguns: Bibiano Silva, Alvaro Amorim, Adalberto Marroquim, Luís Mateus Ferreira, Giacomo Palumbo, Geraldo de Andrade, Frei Matias Teves, Domingos Ferreira, Nestor Moreira Reis, Henrique Moser, Abelardo Gama, Joel Galvão, Charles Simon, George Munier, Jaime Brandão, Emílio Franzosi, Mário Melo, entre tantos outros.

INCORPORAÇÃO A UNIVERSIDADE

Com o passar dos anos a Escola de Belas Artes foi se enriquecendo com a criação de vários outros cursos, como o de Música, o de Teatro, o de Desenho, o de Cerâmica, o de Artes Gráficas e o recém-iniciado curso de Vitrais.

Data de junho de 1946 a incorporação da Escola à então Universidade do Recife e pela lei 1254, de 4 de novembro de 1950 a sua federalização, constituindo-se, atualmente, numa das mais atuantes unidades da Universidade Federal de Pernambuco.

OFICINA DE TRABALHO

O que mais impressiona o visi-

tante da Escola de Artes é o clima de trabalho, de interesse e de operosidade que domina nas suas oficinas. Alunos e professores confundem-se e o entusiasmo que existe faz com que o diretório acadêmico seja dos mais atuantes contando em sua pauta de realizações inúmeras iniciativas de valor, pois é ele que promove exposições, organiza festividades ou reuniões de caráter cultural.

DESENVOLVIMENTO ATRAVÉS DOS ANOS

Grande impulso tomou a Escola depois de passar à Universidade Federal de Pernambuco. Em 1952 foi criado o Curso de Professorado de Desenho, pioneiro na Universidade. Corresponde ao Curso de Mestrado, atualmente difundido nos Institutos da U.F.Pe.

Em 1957 tem início o curso de Arte Dramática e em 1960 o curso de Música.

O PROFESSORADO DA ESCOLA DE ARTES

Além da contratação de professores no Exterior, a Universidade reúne, na Escola de Artes, o mais expressivo do que possuímos no setor artístico.

O curso de Teatro conta com Ariano Suassuna — um nome internacional, com suas peças traduzidas em mais de oito idiomas e agora com “O Auto da Compadecida” no cinema. Hermilo Borba Filho, autor con-

sagrado de peças, escritor e teatrólogo eminente, realizador do Teatro Popular do Nordeste, profundo conhecedor do nosso folclore. Alfredo de Oliveira, homem de teatro, diretor de várias peças, criador do teatro de Arena (não em funcionamento, agora) e ainda: Hélio Moreira, Mar a José Campos Lima, Isac Gondim Filho, Milton Bacarelli, Newton Cembre, entre outros.

O Curso de Pintura conta com Isidro Queralt Prat, Vicente do Rêgo Monteiro, Honorina Lima, José Cavalcanti Amorim, Roberto Correia, Reynaldo Fonsêca, Lula Cardoso Ayres, Aurora Lima, Marcelo Santos, Fernando Menezes, Arra'do Baldini.

O curso de Música conta com Mário Cândia, Jayme Diniz, Edson Bandeira de Me'o, Luís Soler, Dolores Portela, Eliana Calda Silveira, Arlinda Rocha, José Carrion.

O curso de Cerâmica está sob a direção de Marluce Queiroz da Cunha. O de Artes Gráficas, sob a competência de Gastão de Holanda, o atelier de Maquetes está com Wilber to Guerra e o de Vitrais, com Aurora de Lima e Arlinda de Andrade Lima.

PLANEJAMENTO

O Planejamento da Escola de Artes está em função do planejamento geral da Universidade. Entretanto para atender aos últimos decretos do Governo Federal, há, em estudos, um planejamento para os anos de 1969, 1970 e 1971 que preconiza tempo integral, atividade exclusiva e pesquisa.

Que é literatura?

Afinal, que é literatura? Qual a sua natureza e função? Paul Valéry, procurando responder tais questões, diz que "o objeto da literatura é — indefinido como a vida". T. S. Eliot, com uma modéstia que contrasta com sua enorme erudição afirma que sendo "um crítico e poeta de conhecimentos limitados" não pretende definir aquilo que é e deve ser uma preocupação particular da Estética. Observa-se, portanto, que não há um critério universal através do qual se possa conceituar hoje a literatura. É admirável que Aristóteles a tenha definido como "a arte de imitar pela palavra" e essa definição se mostrasse válida por mais de vinte séculos. É certo que Aristóteles não conhecia a expressão "literatura", mas a arte literária dos gregos não é senão literatura, na acepção que lhe dá a crítica, desde Quintiliano.

Compreendendo a enorme extensão de tais problemas, iniciados na fase final do Iluminismo, intensificados no Romantismo e agravados nos últimos cinquenta anos pelo desenvolvimento quase ofensivo da ciência e da técnica, verificando a crise do ensino de literatura, até quando se trata das questões mais simples como as que se prendem às definições e conceitos. Eruditos e investigadores vêm procurando sistematizar os conhecimentos básicos sobre tais problemas, com o objetivo de criar uma ciência que tenha por objeto o estudo da literatura. Que a História da Literatura é insuficiente para resolvê-los já não se discute. A principal dificuldade está no fato das obras de arte literária apresentarem tão ampla fluidez de limites expressivos que se torna quase impossível a criação de um sistema universal de valores para o seu aferimento. Por outro lado, basta uma análise dos livros importantes que se ocupam do problema para que se chegue à conclusão de que a maioria de seus autores se encontra em desacôrdo.

Vejamos um exemplo bastante ilustrativo. Em 1948, três livros fundamentais apareceram, reivindicando cada um para si a posse de uma nova metodologia; *Literatura Européia e Idade Média Latina* de Ernst Robert Curtius, — *Teoria da Literatura* de René Wellek e Austin Warren, e *Fundamentos da Interpretação e da Análise Literária*, de Wolfgang Kayser. Sem dúvida, o mais importante e menos otimista dos três é o de Curtius. Apareceu em Bonn (Alemanha), em dezembro de 1947. Logo no I Capítulo, ele põe em dúvida a — História da Literatura como disciplina capaz de dar aos estudantes de Letras o conhecimento da tradição literária da Europa. E acrescenta que o conhecimento dessa tradição só se pode alcançar pela "Ciência da Literatura". Infelizmente — reconhece ele — os que se dedicam à "ciência da literatura são em geral germanistas" e, das chamadas literaturas

nacionais, a da Alemanha é a menos indicada "como ponto de partida para a observação da literatura européia". Para Curtius, não há literaturas nacionais, ou pelo menos elas não devem ser estudadas de forma autônoma, pois se o fundador da literatura da Europa é Homero, tal Literatura tem que ser estudada em conjunto "com unidade de sentido". "A ciência da literatura" é conceituada por Curtius como pretendendo ser a história do espírito. Mas o importante é o livro do crítico alemão, pela erudição, método e riqueza de conhecimentos já cria um sistema quase perfeito para os estudos científicos de literatura.

O Segundo livro — *Teoria da Literatura* — de René Wellek e Austin Warren, apareceu nos Estados Unidos em maio de 1948. Ao contrário do de Curtius, começa com uma distinção na qual fica claramente implícita a idéia de não existência de uma "ciência" para os estudos literários. Efetivamente, diz Wellek: "Devemos começar por estabelecer uma distinção entre literatura e o estudo da literatura. Trata-se de duas atividades distintas: uma é criadora, uma arte; a outra, embora não precisamente uma ciência é no entanto uma modalidade do aprender, do conhecer".

A Terceira — *Fundamentos da Interpretação e da Análise Literária* — escrita e publicada em Lisboa em 1948, pelo prof. alemão Wolfgang Kayser, admite sem discussões a existência de uma ciência da literatura. Desenvolve uma metodologia estrita e altamente pedagógica, não entrando sequer na apreciação das dúvidas sobre a existência ou não de uma ciência literária. Começa por defini-la, dá o seu objeto e inicia a Primeira Parte com uma análise dos conceitos elementares da ciência literária.

Podemos dizer que o livro de Kayser é ótimo para os estudantes; o de Wellek, tanto serve aos estudantes quanto aos professores; o de Curtius é um livro para especialistas, críticos e professores do mais alto nível. Entretanto, nenhum dos três têm objetivos polêmicos e, apesar de se contradizerem em numerosas passagens, noutras se mostram de acôrdo, o que demonstra a possibilidade de alcançar-se um método com aplicações universais aos estudos literários. Se os críticos-teóricos se puzessem de acôrdo, quem sabe se a *mathesis universalis* de Leibniz não poderia ser aplicada, em seus princípios, à ciência da literatura? A *mathesis* ou característica — como a chama Wellek — é considerada por Max Bense como a época — clássica da diferenciação da prosa literária artística, da conceptual, científica. "É uma fase do barroco — diz ele — uma expressão de sua orientação racionalista, e os grandes nomes dessa época são Leibniz, Descartes, Pascal".

Educadores Fazem Viagem Para Interiorizar a UFPE

Professores da Universidade Federal de Pernambuco já realizaram viagem de reconhecimento aos 19 municípios da zona da Mata Sul, do nosso Estado, para o início da interiorização da Universidade, através do Centro Rural Universitário de Treinamento e Ação Comunitária — CRUTAC. Para isso, contaram com a colaboração de um grupo de educadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que orientaram na escolha da área piloto, que será no município de Palmares.

Numa viagem exaustiva de oito dias percorrendo esses municípios, os educadores pernambucanos e norte-riograndenses estabeleceram os contatos necessários com autoridades representativas e instituições públicas e privadas daquela zona. Durante dois encontros, no início da operação e ao final da mesma, fizeram ampla exposição a respeito da filosofia do CRUTAC-PE, tendo as autoridades manifestado real interesse pelos trabalhos que esse novo órgão da U.F.Pe, vai realizar em cada município.

FINALIDADES

As principais finalidades do CRUTAC-PE consistem no treinamento dos universitários, em período de estágios, no exercício das atividades específicas dos respectivos cursos e cadeiras, nas áreas interioranas do Estado, previamente escolhidas. Proporcionar aos estudantes sob a orientação de professores especialistas e pesquisadores as condições para estudo dos diversos problemas do homem e da coletividade, sugerindo sempre que possível as soluções cabíveis, visando à adequação do exercício profissional, à peculiaridade do meio e em consonância com os recursos disponíveis.

Objetiva, ainda, fazer prospecções, levantamentos e estudos nas diversas áreas, com o intuito de pesquisar e experimentar matérias primas do solo e do subsolo passíveis de transformações industriais e artesanais; estabelecer processos de promoção do homem para que tenha exata consciência de sua dignidade, seus direitos e deveres respectivos, como pessoa humana.

Universitários Recifenses Participam da Operação Mauá

35 universitários recifenses participaram do dia 29 de junho ao dia 14 de julho, da Operação Mauá, um programa do Ministério de Transportes que visa integrar o estudante de engenharia com as grandes obras deste setor realizadas no país.

Os 35 estudantes que estiveram acompanhados do prof. Plauto Moreira, estavam assim distribuídos: 11 da Escola Politécnica da Fundação do Ensino Superior de Pernambuco, 4 da Faculdade de Arquitetura e 20 da Escola de Engenharia, da Universidade Federal de Pernambuco.

VIAGEM

A delegação pernambucana na Operação Mauá comprou o seguinte itinerário na viagem: dia 29/6 — saída, em ônibus, do Recife; 30/6 — estadia em Paulo Afonso com saída à noite; 2/7 — chegada ao Rio (hospedagem no quartel do CPOR); 4/7 — transferência para o Navio Transporte Soares Dutra da Marinha do Brasil; 7/7 — partida do Rio a bordo do Soares Dutra; 10/7 — chegada a Salvador; 12/7 — saída de Salvador; 14/7 — chegada ao Recife, onde a delegação encerrou sua participação na Operação Mauá.

HIDRO-ELETRICA

Como parte da programação estabelecida pelo Ministério dos Transportes, os universitários pernambucanos estiveram em contato com engenheiros da Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco e puderam conhecer os grandes trabalhos ali desenvolvidos e debater acerca dos planos, já em andamento, de expansão da usina e seu consequente aumento de potencial energético.

Foi muito acentuada a impressão causada nos pernambucanos aquelas fabulosas obras de engenharia, seja mecânica, hidráulica, elétrica ou civil e também, pelo trabalho social que vem sendo desenvolvido pela direção da CHESF que fornece ampla assistência hospitalar e educacional a todos, quer sejam ou não do seu quadro de funcionários.

COM O MINISTRO

No Rio de Janeiro a delegação esteve em visita ao canteiro de obras da Ponte Rio-Niterói e, entre seus componentes ficou patenteada a admiração pelo vulto da obra. Também foi visitada a SURSAN.

Ainda no Rio os participantes da Operação foram recepcionados no Clube Caiçaras pelo Ministro dos Transportes, Eng.º Mário Andreazza. Neste momento 2 estudantes fizeram uma saudação ao Ministro ao mesmo tempo em que agradeceram, em nome de todos, a oportunidade que lhes foi oferecida de ampliar seus conhecimentos integrando a Operação Mauá.

Em resposta o Ministro Andreazza falou do trabalho atual e dos planos do seu Ministério, informou que o Presidente da República havia, há poucos dias, oficializado a Operação Mauá e destacou a sua satisfação de ver aqueles estudantes reunidos em torno de um ideal comum: a utilização da engenharia para o progresso do país.

BAHIA

A Destilaria da Petrobrás em Mataripe e o complexo industrial de Aratu fizeram parte do programa de visitas da Operação Mauá em solo baiano.

Dois locais locais os estudantes pernambucanos saíram entusiasmados. De Mataripe veio a confiança renovada nos técnicos que "fazem" o petróleo brasileiro. De Aratu saiu a certeza e a fé no dinamismo que ora invade o Brasil.

AULA PRÁTICA

Em todos os locais visitados os universitários pernambucanos eram assistidos por engenheiros que lhes forneciam tôdas as explicações de caráter técnico e os levavam a estudar e debater os projetos. Um dos universitários participantes da Operação nos informou que "a Operação Mauá foi constituída de várias aulas práticas de engenharia e de uma aula prática de Brasil".

Medicina e Farmácia Têm Novos Diretores

O presidente da República já nomeou os novos diretores das Faculdades de Medicina e Farmácia da Universidade Federal de Pernambuco. Os novos dirigentes dessas duas unidades de ensino figuravam nas listas sextuplas encaminhadas ao chefe da Nação, pelas respectivas Congregações das duas Faculdades. Hélio Mendonça, para Medicina, e Genisa de Castro Coutinho Bulhões, para Farmácia, foram os escolhidos.

O professor Hélio Mendonça é titular da Cadeira de Histologia da Faculdade de Medicina. É o primeiro ex-aluno a assumir a direção daquela unidade de ensino médico.

Farmácia

A professora Genisa de Castro Coutinho Bulhões é a segunda representante do sexo feminino a assumir a direção da Faculdade de Farmácia. Também, diplomou-se na mesma Faculdade, em 1951. Iniciou sua carreira como monitora, assistente voluntária, assistente efetiva, chefe de laboratório e, por último, professora adjunta da Cadeira de Farmacologia.

Destacou-se como a melhor aluna, durante todo o curso de Farmácia. Exerce o Magistério há 18 anos. Tem diversos cursos de aperfeiçoamento no sul do país. Figurava no quarto lugar da lista sextupla encaminhada ao presidente Costa e Silva, composta dos seguintes nomes: professores Ferreira dos Santos; Fernando Montenegro; Dulce Fontes; Mauro Pamplona e Valdomiro Coutinho.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

Órgão Informativo da Universidade Federal de Pernambuco

Diretor:

Prof. Ariano Suassuna

Secretário
Prof. César Leal

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural

Redação: Rua Gervásio Pires, 674, 1.º andar
Telefone: 22486

Preço do exemplar:
NCR\$ 0,10

CENUFP INICIOU "OPERAÇÃO GAMA" CONTRA MURIÇOCAS

Em convênio com várias instituições inclusive governo estadual, o Centro de Energia Nuclear da Universidade Federal iniciou, em Pernambuco, a "Operação Gama" destinada a dizimar a grande praga de muriçocas que ameaça a nossa população, ao transmitir a filariose. Raios Gama são utilizados, significando isto, mais uma iniciativa daquele Centro, no que se relaciona ao emprego da energia nuclear, em nossa região.

O método principal da Operação consiste em esterilizar os machos desses insetos por meio dos Raios Gama, produzidos por um radioisótopo. Os insetos assim irradiados não têm nenhuma radioatividade: nem morrem, nem infecionam. Quando cruzam com as fêmeas normais, fazem com que elas depositem ovos inúteis, que nunca reproduzirão.

Maior Concentração

Segundo o professor Carlos Borghi, diretor do Centro de Energia Nuclear, a cidade do Recife tem o privilégio nada invejável de contar com a maior concentração de filariose da América Latina, ou talvez do mundo. Essa doença é transmitida em 95 por cento dos casos pela muriçoca. Parece que cerca de sete por cento das muriçocas são infectadas por microfíliarias, as quais são depositadas sobre a pele, quando o inseto fêmea pica para sugar sangue.

As microfíliarias penetram na epiderme produzindo a filariose. Quando percebida na fase inicial, esta doença pode ser estacionada com oportunos medicamentos que são distribuídos pelo DENERU. Todavia, evidente que não podemos limitarnos a curar os que adoecem, pois é necessário quebrar o ciclo da filariose eliminando o veículo transmissor. Para isso seria indispensável eliminar os focos que se localizam nas poças d'água suja que se enchem de larvas. Numa cidade com uma topografia como é a do Recife, é praticamente impossível, ainda mais pela presença de parte da população pouco instruída que não cuida de libertar-se desses focos, mesmo quando pode fazê-lo.

Levando em conta esses fatores é que o Centro de Energia Nuclear despertou nas autoridades, a idéia que se fazia necessário introduzir outros métodos válidos para diminuir ou controlar o número de muriçocas em nossa cidade. O

método clássico que vinha sendo utilizado até então, consistia no uso de inseticidas, seja espalhando-os na água contaminada, seja utilizando-os nas casas de moradia. Este método tem sempre que ser renovado, porque os insetos se adaptam e depois de algumas gerações se acostumam e os inseticidas tornam-se ineficientes.

Agora, foi acrescentado um segundo método válido para muitas espécies de insetos: a esterilização dos machos. Portanto, espalhando-se um número suficiente de machos esterilizados, e que não representam nenhum perigo, mesmo porque os machos não sugam o sangue, pode-se esperar uma diminuição progressiva do número de muriçocas.

A introdução desse método no Recife está sendo objeto de pesquisas e trabalho no Centro de Energia Nuclear, em colaboração com o Instituto de Biociências, cooperação da Agência Internacional de Energia Atômica das Nações Unidas (Viena), que para isso enviou em missão oficial o cientista indiano, de fama internacional, Karanjit Singh Rai, que permanecerá aqui, três meses para orientar o início dos trabalhos da Operação Gama, realizados no campo. Também está havendo cooperação por parte do DENERU, Sudene e Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Duração

Segundo as previsões este projeto poderá ter duração aproximada de dois a cinco anos. É utilizada também uma bomba de Cobalto que foi doada ao CENUFP, pela Comissão Nacional de Energia Nuclear. As bases científicas desta tentativa para diminuir a grave ameaça da filariose no Recife, juntamente com a utilização dos métodos tradicionais já referidos, dão esperança de que se possa chegar a um resultado realmente promissor.

O Prof. Waldecy de Araújo Pereira, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Economia e Sociologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, informa que será instalado o Laboratório de Pesquisas em Recursos Humanos. Este Laboratório, que está vinculado ao "Programa" e é dirigido pelo Prof. Sílvio de Albuquerque Maranhão, já realiza pesquisas desde 1965, no entanto, agora será efetuada a compra de todo o material necessário. Para a compra do referido material foi firmado um convênio entre a U.F.Pe., a SUDENE e a USAID.

FINALIDADES

"O objetivo fundamental do Laboratório é a realização de estudos sócio-econômicos e em recursos humanos, especialmente para as instituições federais ou estaduais do Nordeste, envolvidas em programas de desenvolvimento. Eventualmente, e respeitadas as disposições governamentais sobre a matéria, o Laboratório poderia vir a realizar, de acordo com a sua capacidade, pesquisas ou estudos para empresas privadas cujos programas tivessem sido aprovados pelo organismo regional de desenvolvimento, a Sudene, ou por organismos estaduais nordestinos", adiantou-nos o Prof. Sílvio Maranhão.

Na busca deste objetivo central, as finalidades do Laboratório de pesquisas serão, principalmente, as seguintes:

- 1) Oferecer pesquisas de alto nível científico e técnico na área das ciências sociais e em recursos humanos aos organismos de desenvolvimento.
- 2) Oferecer pesquisas mais econômicas, embora de melhor nível científico e técnico, aos organismos financiadores, o que seria conseguido através de uma maior concentração de esforços e de atividades adequadamente planejadas.
- 3) Proporcionar um campo prático de estágio e treinamento aos estudantes pós-graduados do "Programa", contribuindo, desta forma, para uma melhoria substancial do ensino ministrado.

Instituto de Ciências Humanas Terá Laboratório de Pesquisas

4) Preparar e oferecer treinamento a pessoal já ligado a entidades governamentais envolvidas no setor de planejamento, através de estágio ou em condições especiais (participação em pesquisas específicas).

NECESSIDADE

"O Planejamento econômico-social requer, para seu êxito, uma massa de dados os mais diversos, principalmente quando se trata de realizar um plano global de desenvolvimento nacional ou mesmo regional", disse-nos o diretor do Laboratório.

"A falta de dados confiáveis, — prosseguiu — ou também a falta de quaisquer dados em alguns setores, dificulta ou impossibilita um bom planejamento". "Por outra parte", argumenta o Prof. Sílvio Maranhão, "sem um bom planejamento dificilmente se consegue sair do subdesenvolvimento e, nesse caso, surge novamente o problema de se obter bons dados. É, por assim dizer, uma nova forma de visualizar o círculo vicioso da pobreza, já bastante conhecido dos economistas e cientistas sociais e, apesar disso, ainda presente".

"No Nordeste, onde mais fortemente se fazem sentir os fenômenos que afetam a confiabilidade e a validade de censos e estatísticas oficiais, o conhecimento dos diversos setores da vida social e econômica se torna ainda mais difícil. Este problema tem sido constantemente sentido por técnicos ou executores de programas de desenvolvimento, incluindo organismos governamentais e setores privados".

Aliado às questões apresentadas pelo Prof. Sílvio Maranhão, surge o problema das que, talvez mais preocupadas com os aspectos acadêmicos do desenvolvimento do ensino, pouco se têm voltado para a necessidade de melhores pesquisas econômico-sociais e, além disso, o seu campo de atividades quase sempre se limita ao âmbito estadual. De tal fato resulta que muitas vezes uma mesma pesquisa tenha que ser realizada por

duas, três ou mais entidades diferentes, o que habitualmente a torna demasiadamente custosa.

Daí, a necessidade imediata de se criar um centro de pesquisas que, embora ligado administrativa e funcionalmente a uma universidade, possa oferecer uma estrutura dinâmica e operante a nível regional e possa, também, dispor de um pessoal devidamente especializado.

IDEIA

"O Programa de Pós-Graduação em Economia e Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas desde algum tempo vem formando pessoal adequadamente treinado na área das ciências sociais, sendo este pessoal imediatamente absorvido por organismos governamentais (alguns mesmo antes de haverem concluído o seu treinamento). No entanto, o "Programa" mencionado vem se ressentindo de um campo prático e adequadamente aparelhado para proporcionar um estágio e um treinamento cada vez melhor ao pessoal que vem formando, embora frequentes atividades de pesquisas tenham servido para sanar, em parte, esta dificuldade".

"Por outro lado, em auto-crítica que habitualmente o "Programa" tem realizado sobre suas atividades de pesquisas (trabalhos realizados habitualmente mediante convênio firmado com organismos governamentais, principalmente a SUDENE), algumas falhas têm sido observadas e são, quase todas, resultantes da falta de uma estrutura funcional e operacionalmente adequada às pesquisas, e à inexistência de uma "equipe de apoio" mais ou menos permanente".

"No sentido de eliminar ou reduzir fundamentalmente tais dificuldades, o Instituto de Filosofia e Ciências do Humanas, através do Programa de Pós-Graduação em Economia e Sociologia, pensou em instalar e equipar um centro de pesquisas: o Laboratório de Pesquisas em Recursos Humanos"; finalizou o Prof. Sílvio Maranhão.

TV-U RECEBE ELOGIOS

A direção da TV-Universitária recebeu as seguintes cartas:

Assistindo aos primeiros programas da TV-Cultura de São Paulo, tive a grata satisfação de assistir ao belo filme com que Vv. Ss. homenagearam a esta importante realização do Governo do Estado de São Paulo.

A singela mensagem de irmandade enviada por vocês, homens do Nordeste, irmandade esta por vezes esquecida, que congraça todos os rincões de nossa terra, tocando fundo aos corações de todos os brasileiros que assistiram àquele filme, emocionou-me profundamente.

É uma mensagem de esperança, de certeza, tão necessárias e tão escassas em nossos dias.

Irmãos da velha e honrada Capitania de Pernambuco, como paulista que sou, orgulho-me deste meu Estado pioneiro e bravo; como filho de pernambucano, orgulho-me da terra de Olinda por sua luta, por sua posição de vanguarda nesta grande região brasileira, bela, incompreendida, o Nordeste; como brasileiro, orgulho-me deste país-continente que escreve sua história com algo de colosso, atos nobres que não poderão jamais ser esquecidos, e que não serão, tenho certeza por organizações como a TV-UNIVERSITÁRIA DO RECIFE e a

TV-CULTURA DE SÃO PAULO. Atenciosamente, a) Severino José da Silva — Av. Camargo Silveira nº 664 — P. Jabaquara — São Paulo — Capital".

"Por ocasião do lançamento da imagem do Canal 2 desta cidade, inaugurando assim a TV-Cultura de São Paulo, tive a grande satisfação de assistir à mensagem da TV-Universitária do Recife — Canal 11, através de lindo programa enviado à sua co-irmã de São Paulo.

Quero enviar à Direção do Canal 11 os meus sinceros parabéns pela beleza de programa enviado, intitulado "Estamos aí, São Paulo", mostrando ao Sul o que se faz no Nordeste, no campo cultural pela televisão.

O programa "Estamos aí, São Paulo" não só entusiasmou aos nordestinos aqui residentes, como também causou a melhor das impressões aos sulistas, fato que pude comprovar no meu local de trabalho, o Banco do Brasil, onde ouvi as melhores referências à feição do programa, não faltando elogios a nenhum detalhe: Imagem, roteiro, narração, sonoplastia, etc.

Embora esse programa causasse tanta surpresa aqui, onde as coisas do Nordeste são relegadas a segundo plano, devo confessar

que o mesmo não ocorreu comigo.

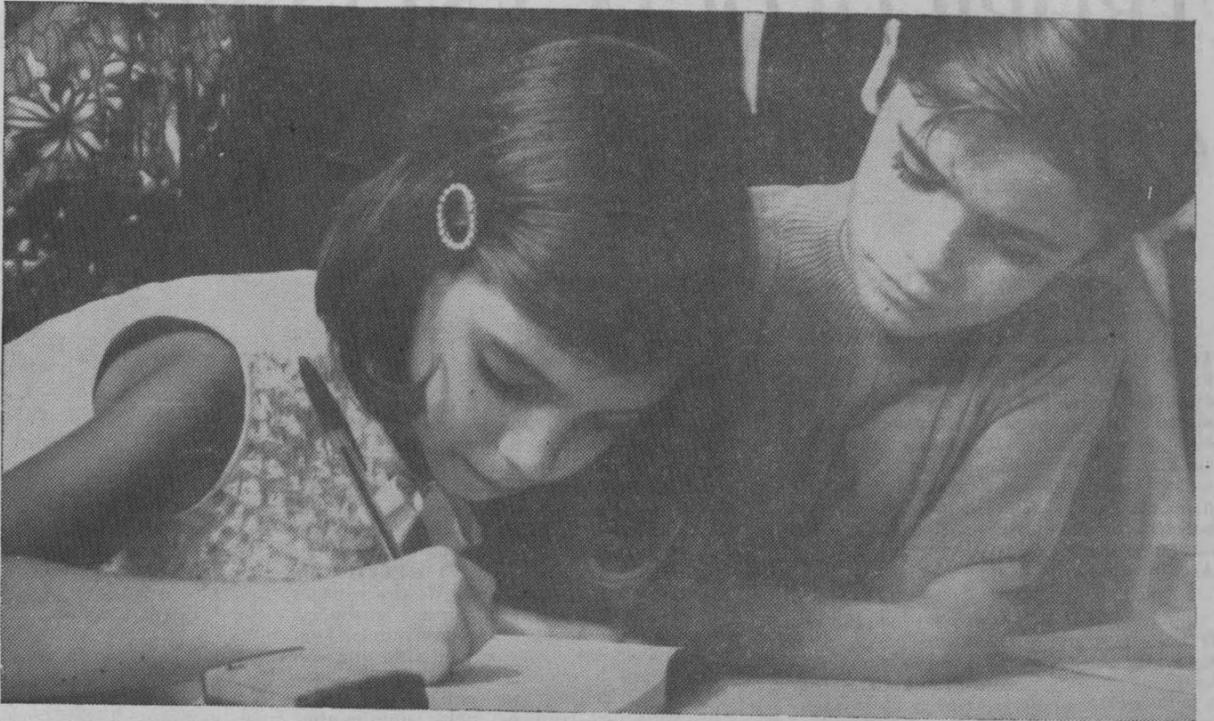
Sendo natural de Salvador e tendo residido no Recife durante 15 anos sempre acompanhei o progresso cultural dessa cidade, em todos os setores artísticos.

O "Diário de Pernambuco", a "Rádio Clube de Pernambuco" (órgãos de divulgação dos mais antigos do Brasil) e o pioneirismo do lançamento da primeira TV Educativa do país, são provas da grandeza cultural dessa região.

Grande admirador do Recife, (cidade-bêrço de minha esposa e de meus quatro filhos), onde residem meus dois irmãos mais velhos (Jota Soares e Heleno Soares Castelar) e incontáveis amigos, não posso deixar de externar a emoção com que assistí ao supra citado programa, emoção que deve ter atingido a todos os nordestinos aqui residentes e que devem se orgulhar da TV-Universitária — Canal 11 do Recife.

Parabéns portanto à grandiosa equipe dessa emissora, com os votos de que o Canal 11 do Recife continue a brindar o público de São Paulo com programas do gabarito de "Estamos aí, São Paulo". Saudações, a) Aluizio Argôlo Soares — Av. São João 32 — 18º andar — Banco do Brasil S. A. — Ag. Centro — SEDIC — São Paulo — Capital.

Reitor diz que Universidade resgata dívida lançando livro de Carlos Pena



Na foto, a garotinha Clara Maria, filha do poeta Carlos Pena Filho, autografando exemplares da obra do seu pai, por ocasião do lançamento

Em solenidade que contou com a presença de dezenas de personalidades, destacando-se escritores, professores, artistas plásticos, poetas, amigos e familiares do homenageado, realizou-se no salão azul do Hotel São Domingos o lançamento do LIVRO GERAL, de Carlos Pena Filho. O reitor Murilo Guimarães, que presidiu as solenidades, afirmou que a publicação dessa obra fêz a Universidade Federal resgatar uma dívida para com o poeta e notável figura humana do Recife.

Falando em nome dos amigos de Carlos Pena Filho, o poeta Carlos Moreira traçou breve perfil do autor dos "dez sonetos escuros", detendo-se na análise de certas passagens de sua poesia. Referiu-se à convivência de Carlos Pena junto aos amigos, ao seu modo de ver e sentir a vida em tôda a plenitude.



O poeta Carlos Moreira, falando em nome dos amigos de Carlos Pena Filho, durante o lançamento da sua obra, o LIVRO GERAL. Ao seu lado, o reitor Murilo Guimarães, deputado Aderbal Jurema e o jornalista Esmaragdo Marroquim

ANDANÇAS

O poeta Carlos Moreira evocou as andanças de Carlos Pena, através das madrugadas recifenses, em companhia dos seus amigos de geração. Lembrou a aversão que o poeta tinha aos discursos, dizendo que as suas palavras naquele momento se constituíam um "anti-discurso". Colocou Carlos Pena Filho entre os maiores sonetistas da língua portuguesa, destacando a influência que exerceu sobre as novas gerações de poetas pernambucanos.

EMOÇÃO

A mãe do poeta Carlos Pena Filho, senhora Laurinda Souto, não conteve a emoção ao final do discurso do sr. Carlos Moreira. Durante a cerimônia, a filha de Carlos Pena, Clara Maria, autografou diversos exemplares do Livro Geral.

Registramos, entre outros, a presença dos escritores Geraldo Falcão, Aderbal Jurema, José Gonçalves Oliveira, Nilo Pereira, César Leal, Romeu Peréa, Mauro Mota, Altamiro Cunha, Esmaragdo Marroquim, New-

ton Sucupira, Luís do Nascimento, Marcos Acioly, Gilberto Osório de Andrade, José Rodrigues de Paiva, deputado Edmir Regis, jornalistas Ernani Regis e Samir Abou Hana, industriais Eufrásio e Renê Barbosa.

ESTUDO

O Livro Geral reúne tôdas as o-compreensão com os outros eram reconhecidas nele por todos. Literariamente, seu maior dom, talvez, fôsse, segundo ressaltou, certa vez, César bras poéticas de autoria de Carlos Pena Filho, a saber: "Nordestêrro", "Cinco aparições", "Dez sonetos escuros", "Vertigem Lúcida", "Poemas sem dara", "O tempo da busca" e "Guia prático da cidade do Recife".

O poeta José Gonçalves de Oliveira, em longo estudo introdutório à obra, declara: "neste poeta, logo em seus indícios, nota-se o seu descompromisso com escolas ou grupos. Situado como está num contexto pós-modernista que não é (quase sempre) obrigatoriamente neomodernista, e participante de uma geração imediatamente posterior à de 45, aparece como uma voz isolada, talvez a mais superior de tôdas, em referên-

cia a uma posição lírica, a um simbolismo de natureza especial cujas alegorias são perfeitamente abertas à fácil comunicação, graças à clareza, à objetividade, a um jôgo semântico sem artimanhas ou escamoteações. Essa amplitude receptiva devida, por outro lado, à ausência de "mensagens" ou "recados" mágicos de militância política, de engajamento nos ismos tão indefectíveis e "indispensáveis" na maioria dos seus contemporâneos".

CARACTERÍSTICAS

Também em nota escrita para o Livro Geral, o dramaturgo Ariano Suassuna afirma: "pessoalmente, o que mais caracterizava Carlos Pena Filho seria a cordialidade e o companheirismo, que êle cultivava e cultivava como poucos. A tolerância e Leal, a elegância e a pureza do verso".

MONTENEGRO

Dois dias após essas solenidades, ocorreu na Companhia Editora Nacional o lançamento do livro pósu-

mo do crítico literário e professor Olívio Montenegro. Igualmente, as solenidades foram por demais concorridas e contaram com a participação de figuras, as mais representativas dos diversos campos da atividade humana, especialmente escritores e professores. "Fôlhas Ao Vento" foi a obra lançada. Reune uma série de artigos do escritor anteriormente divulgadas no DIÁRIO DE PERNAMBUCO, e em suplementos literários do Sul. Dão uma imagem mais ou menos geral do seu pensamento filosófico e da sua maneira de encarar o espetáculo humano da vida em suas numerosas manifestações. O volume, de ótima apresentação gráfica, conta com uma nota-apresentação e prefácio de Nilo Pereira.

O prefaciador, ao se referir ao conteúdo do livro de Olívio Montenegro, destaca a sua natureza de reflexões altamente indagativas da destinação humana, dizendo ainda, que "não há classificação literária para estas "Fôlhas ao Vento". São o que são. São painéis da vida. Com elas há apenas uma coisa a fazer: ler e refletir. Que a tanto nos convida o pensador que as escreveu, mansamente. Sábiamente. Como um verdadeiro mestre da vida, debruçado sobre o abismo humano. Este livro não é para ser lido às pressas".

TROPICOLOGIA ENCERROU ATIVIDADES DO I COM A CONFERÊNCIA SOBRE PROFILAXIA

Na última reunião do Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco, que encerrou os trabalhos daquele órgão, relativos ao primeiro semestre, figurou como conferencista o médico Achilles Scorzelli Junior, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Abordou o tema "Profilaxia e Tropicologia". Atuaram como comentaristas da palestra o economista e estatístico Fernando Antônio Gonçalves e o professor Alvaro Vieira de Melo.

Ao abrir a sessão, o coordenador dos trabalhos, escritor Gilberto Freyre, afirmou que aos trópicos os serviços, as técnicas, as medidas de profilaxia passaram a se associar, desde o começo deste século XX, de modo decisivo para a valorização dessas regiões quentes e das populações nelas situadas. "Verificou-se que muito do que a alguns parecia fatalidade ecológica, própria dos trópicos, sob a forma de terríveis inimigos da saúde dos homens — principalmente dos advertidos, dos imigrantes, dos estrangeiros — era, não fatalidade insuperável, porém inimigos susceptíveis de ser dominados e até vencidos. Dominados e vencidos, esses inimigos, as regiões tropicais poderiam ser beneficiadas, tanto quanto as temperadas, em suas condições gerais de vida e receber todas as vantagens de modernas técnicas de engenharia, de comunicações de transportes e de urbanização".

"Foi precisamente, como todos aqui

sabem, a construção de uma das mais arrojadas obras de engenharia jamais empreendidas em qualquer parte do mundo — a construção de iniciativa francesa do Canal do Panamá — que mais ostensivamente contribuiu para mostrar a tropical e não-tropical a importância de técnicas de profilaxia, de higiene, de saneamento para quanto se vinha procurando realizar, desde as primeiras modernas ocupações de espaços tropicais por europeus, nos séculos XVI e XVII, no sentido da modernização desses espaços e da sua adaptação a formas europeias civilizadas de vida e de convivência. Formas europeias civilizadas de vida que não tardariam a encontrar obstáculos imensos à sua consolidação em doenças senão próprias dos trópicos, neles dominantes, como a malária.

É acrescentou: "quem conhece as ruínas da Goa chamada Veíha goa — ruínas de grandiosos monumentos de arquitetura religiosa e civil ali levantados pelo gênio português no século XVI — tem ideia exata de quanto mais forte foi ali o mosquito que o dominador europeu daquele pedaço do Oriente. O que aconteceu, em escala monumental em Goa a Veíha, sucedeu, de modo menos espetacular, noutras regiões tropicais, naquele e em séculos seguintes: o mosquito, então senhor absoluto dos trópicos, úmidos, ganhou batalhas quase decisivas contra o europeu. Os europeus que persistiram em se instalar em terras tropicais, fizeram-no, durante séculos, com grandes perdas de vi-

da e imensa redução na sua capacidade de trabalho e degradação da sua saúde.

Mosquitos, vermes, germes, eram seus inimigos quase todos invencíveis ou considerados desprezíveis".

Uma nova época para as relações entre formas europeias civilizadas da vida e os trópicos pode-se dizer ter começado em 1904 quando um médico militar, anglo-americano nascido em Alabama — William Crawford Gorgas — foi designado para chefiar os trabalhos de profilaxia da zona do Canal do Panamá; depois de 1898 a 1902, ter lidado bravamente com a febre amarela. Os franceses já haviam fracassado na construção de um canal no Panamá, não por lhes ter faltado a técnica da engenharia, na qual têm sido admiráveis e eram então famosos — estava ainda a França nos grandes dias da politécnica — mas por lhes ter faltado esta outra ciência, esta outra técnica; esta outra sabedoria, indispensável à valorização dos trópicos: a ciência, a técnica, a sabedoria da profilaxia. Oswaldo Cruz se tornou grande benfeitor de Rio de Janeiro, na mesma época dos triunfos de Gorgas em Cuba e no Panamá tropicais, pela mesma ciência aplicada: a ciência da profilaxia.

Desde então a profilaxia é um sistema de defesa da vida, da saúde, da capacidade de trabalho das populações situadas em regiões tropicais de tal modo

ligadas à valorização dos trópicos que quando hoje se fala em trópico ocorre logo falar-se em profilaxia. A profilaxia vem reabilitando o trópico como nenhuma outra técnica. Sem ela não se teria desenvolvido, em regiões tropicais, outras moderníssimas técnicas — de engenharia, de arquitetura, de transporte — que vêm fazendo alguns dos por tanto tempo calculados países quentes, quanto paraísos sanitários.

É uma técnica, ao que parece, que como outros grandes bens, necessários à felicidade ou ao bem estar dos homens exige não só constantes aperfeiçoamentos e inteligentes adaptações a diferentes situações específicas de ecologia tropical como esta quase prosaica virtude a ser praticada mais por administradores do que por cientistas: eterna vigilância".

CONFERENCISTA

Em seguida, o sociólogo Gilberto Freyre passou a palavra ao conferencista, o qual afirmou que, "quanto mais se luta, sobrevive e adquire viva tonalidade de uma verdade axiomática de ser a prevenção da doença melhor objetivo que sua cura. São, com efeito, obvias as razões biológicas, econômicas e sociais por que a saúde constitui estado imperdável de segurança, bem estar e longevidade antes que equilíbrio instável; no qual se procure, a cada passo, chegar a uma situação mediana e desejada.

Comentário do pró

"Lendo e ouvindo, agora, a comunicação excelente que trouxe, no Seminário de Tropicologia, o Prof. Achilles Scorzelli Jr., sobre o tema "Profilaxia e Tropicologia", participei, integralmente, das suas lúcidas observações a respeito dos trópicos e das suas doenças. Doenças hoje imprópriamente chamadas de tropicais apresentaram, no passado, larga incidência em áreas temperadas das quais foram erradicadas.

Numa época em que o mais empolgante problema é o do desenvolvimento — Paulo VI chega a considerar o desenvolvimento como o novo nome da paz — os estudos e as pesquisas e as discussões sobre os trópicos, onde se localizam as áreas menos desenvolvidas, são da maior atualidade, sob qualquer aspecto que sejam examinadas.

Desejaram já, algum dia, os teóricos do planejamento minimizar a importância do setor saúde, sob a falsa alegação de que, com o aumento da renda per capita e das condições gerais de vida das populações em processo de mudança, seriam conseqüentemente elevados os níveis sanitários.

Ninguém usaria, é claro, a expressão de estreita ligação que existe entre as condições sanitárias e as condições de saúde de uma população e o seu estado de desenvolvimento econômico: população débil, de baixa produtividade, de remuneração insuficiente, alimentando-se inadequadamente, permanecendo débil, fechando-se naquele círculo vicioso de que nos fala, com autoridade internacional, o Prof. Gunnar Myrdal.

Não obstante o crescente desequilíbrio econômico-social, gerando uma incoerência entre a curva de crescimento das populações e o seu desenvolvimento social e as relações cada vez mais íntimas entre a economia e as condições de vida das populações (a riqueza de uma nação é indicada pelo conjunto de bens destinados tanto ao bem-estar individual como ao bem-estar coletivo), na verdade há uma melhoria crescente das condições sanitárias das populações sub-desenvolvidas, por força das conquistas da higiene e da Medicina Preventiva, promovendo a melhoria qualitativa das populações, inter-relacionando não só os aspectos econômicos e culturais, como os aspectos da própria segurança nacional que exige lutas demográficas poderosas nas lutas éticas de interesse mútuo.

O crescimento enorme da Medicina Preventiva provou que as doenças não dependem, apenas, de fatores médicos, mas econômicos e culturais.

Se se tem observado, de um lado, maior deterioração da mortalidade nos países sub-desenvolvidos devido ao controle das doenças "infecciosas de massa", por outro lado, nos países desenvolvidos, a luta contra o câncer e as doenças do coração (os principais problemas médicos) não tem reduzido a mortalidade no mesmo ritmo que tem conseguido a luta contra as doenças transmissíveis e endêmicas (o principal problema sanitário e o principal causeur de mortalidade e morbidade nas áreas tropicais).

Nos países desenvolvidos, os serviços de Saúde e Medicina Preventiva têm sofrido uma rápida ampliação integrando-se em programas gerais de desenvolvimento econômico e social, com considerável disponibilidade de pessoal sanitário qualificado.

Quando novas situações, e mortalidade nos países menos desenvolvidos está no labor de muito forte, enquanto nos países industrializados se reduziu a taxa de mortalidade infantil (em não mortalidade infantil) tem sido assegurados resultados mais satisfatórios no combate à mortalidade exigida, beneficiando as regiões desenvolvidas.

Em todos os países os componentes dos níveis de vida são afetados mais ou menos assim: saúde, alimentação e nutrição; educação; condições de trabalho; consumo; transporte; habitação; vestuário; recreação e segurança, etc.

É de compreender-se, pois, que os países desenvolvidos tenham sobre os países sub-desenvolvidos, na sua maioria todos os países das áreas tropicais, extremas vantagens que não, entretanto, se reduzindo ou desaparecendo por força da melhoria das suas condições ambientais, físicas e sociais, reduzindo os coeficientes e índices vitais nos trópicos aos níveis registrados nas regiões temperadas.

Acima dos fatores diferenciais da mortalidade mais freqüentemente registrados — a idade, o sexo, a residência, a profissão, o estado civil, o ritmo estacional e as condições climáticas, permanece mais forte, nas áreas tropicais, o fator social: este é o principal fator diferencial da mortalidade, pois as desigualdades de morte são eminentemente sociais.

Os fatores sociais atuam, poderosamente, nas áreas tropicais e podem ser englobados em quatro grandes grupos:

- a) o poder econômico dos indivíduos e dos grupos;
- b) o estado de ciência, muito embora o saber dos indivíduos intervenha, de modo considerável, nas etapas preventivas;
- c) o desejo dos indivíduos em seguir as prescrições médicas e as regras de higiene e de dietética;
- d) a qualidade do aparelhamento médico-social posto à disposição dos indivíduos e das comunidades.

São, pois, condições para um nível de mortalidade baixa: uma população relativamente instruída; um nível de vida baixo; um controle médico-social eficiente.

Na realidade, uma tendência universal, embora lenta, para o nivelamento social da mortalidade; as atuais verdadeiras mortalidades excepcionais nos trópicos não são devidas aos trópicos considerados como tal; isto não faz mais sentido.

Das doenças que são, hoje, nos trópicos objeto de controle — a varíola, a malária, as febres tifóides e paratífóides, o tétano, a poliomielite e tuberculose a sífilis, a peste, etc. — muitas já foram totalmente vencidas em outras áreas.

Mesmo, nas áreas tropicais, a incidência dessas doenças tem sofrido reduções consideráveis, embora a falta disponibilidade de dados não permita uma comparação significativa, em face da grande diversidade das condições locais que influem no obter aquelas taxas.

Em áreas tropicais do Nordeste, no período de quinze anos 1952/1967, a mortalidade geral sofreu redução equivalente a 51%, de 12% para 22% e a mortalidade infantil reduziu-se igualmente a 50%, taxa que se livraram totalmente de mortalidade em condições econômicas, apenas pela habitação de serviços médicos preventivos.

Dentro das áreas das principais condições nordestinas — ainda como exemplo — nos distintos habitats, predominantemente, por populações de classe média e alta, se verificaram as mortalidades geral e infantil se situam nos níveis de mortalidade nos países mais adiantados; no Recife, nos bairros do Derby e dos Antas, a mortalidade infantil se situou abaixo de 10%, quando a média de cidade se situa em torno de 120/130%, sem referir aos valores extremos dos bairros pobres, superiores a 300%.

Na análise das causas de morte nas áreas tropicais, foram as limitações conhecidas, é de notar o papel importante que representam as doenças transmissíveis.

A constatação das altas taxas de febres tifóides é de

esperar em áreas em que a maioria das causas não são

vida de fossas higiênicas nem servida por água tratada. A ausência de limpeza e a má higiene das habitações são fatores que, com maior probabilidade, determinam os casos de disenterias e diarreias, além da presença das moscas, cuja população é vultosa nas vizinhanças, nichos, pelos motivos já conhecidos.

As infecções gripais e suas conseqüências derivam de regime alimentar, que encontra os indivíduos em estados nutricionais deficientes.

A malária em algumas áreas do Nordeste vem sendo objeto de atenções especiais, porque ameaça reaparecer em áreas de onde se supunha ter sido erradicada. A malária é considerada como a doença que mais danos tem causado em todo o mundo, pela dificuldade e sua erradicação em áreas de população pouco concentrada, como são as do Nordeste.

As verminoses são responsáveis por grande número de óbitos, aí reside a etiologia de muitos casos de diarréias imprecisas ou mal definidas. Mais freqüentes entre os escolares e escolares, as verminoses são menos presentes em adultos com a diminuição das oportunidades de infecção, embora a sua ação se reflita na redução da capacidade de trabalho, na menor produtividade, na sonolência, em acusações injustas, habitualmente feitas ao habitante das áreas tropicais.

Entre muitos diagnósticos imprecisos, poder-se-ia citar a ação da sifilose, por exemplo, é de alta importância.

O levantamento torácico das populações do interior permitiu novo conhecimento da incidência da tuberculose em áreas rurais, onde o problema da tuberculose se vem sentando de forma mais grave, em face de condições econômicas talvez menos favoráveis.

Tendo em consideração os elevadíssimos percentuais de causas mal definidas e desconhecidas, em áreas do Nordeste, pode-se entender a relação de tipos causas de morte, a título meramente ilustrativo, a taxaiva de que são dados colhidos a base de situações causa conhecida.

Para a mortalidade em geral contribuem as gripes, as disenterias, a tuberculose, as doenças de as gripes, bronquites e pneumonias, a sífilis do tipo leirites e nefroses, as complicações da gravidez, parto não planejado, as neoplasias malignas, a malária, as doenças peculiares à primeira infância, e as doenças do sistema nervoso central, etc.

De modo geral as doenças causadas pela insalubridade e as maiores causas de mortalidade em áreas de países menos desenvolvidos, em países como o nosso constituem os problemas de saúde. Daí a importância, atualmente particular nos projetos de desenvolvimento econômico, de proteção dos alimentos, de extinção dos focos de doenças, a construção de habitações adequadas, medidas preventivas contra a poluição do ar e da água.

No tocante à mortalidade infantil, não obstante os dados já citados, são indicadas como causas importantes e freqüentes (além de 1 semana de idade): as doenças recém-nascido, as diarreias e febre tifóides, as gripes, bronquites e pneumonias, as lesões cardíacas e o resfriamento, o tétano neonatal, o sarampo, as

SEMESTRE TRÓPICO

tas razões, presentes ao indivíduo, que por suas naturais aspirações de viver mais e feliz, dele transcendem para a preocupação da própria comunidade a que pertence.

ve, por isto, a saúde ser tônica de adequada política governamental, dando decididos esforços para buscar recursos eficazes e realizáveis, que am a erradicação das doenças".

tras análises minuciosas foram a- dadas pelo conferencista em torno "ofitaxia e Trópico". O seu trabalho apresentado agradou em cheio aos assistentes, pela firmeza das afirmati- vidades de dados e segurança nas

COMENTADORES

mbém, os principais comentadores destacada atuação, notadamente economista e estatístico Fernando An- tonio Gonçalves, diretor da Divisão de Estatística do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Seu trabalho repre- senta resultado de longas pesquisas em estatística, levadas a efeito pelos pesquisadores do Instituto, sob a sua orientação.

entário do professor Fernando Gonçalves é o seguinte:



Fernando Gonçalves

formação congênita; a difteria.

As mais fortes causas da mortalidade infantil, na área urbana, podem ser resumidas em: a) causas congênitas de origem materna; b) causas alimentares; c) causas sanitárias e higiênicas, quer pela falta de recursos econômicos suficientes, quer pela ignorância ou estado cultural deficiente (os hábitos e os preconceitos conduzem as mães à resistência às medidas transmitidas pelas Unidades Sanitárias).

No Nordeste as causas de origem exógena são as que mais fortemente influem na mortalidade infantil; as causas de origem endógena representam, apenas, cerca de 25% do total infantil, sendo reconhecido, universalmente, que são as mais difíceis de reduzir.

Curandeiros há por todo o interior do Nordeste. Pouco ou nada será vencida a sua influência, a proporção que a assistência médico-hospitalar de alto nível for sendo instalada e for sendo elevado o nível cultural das populações afetadas.

O problema do curandeiro não é um problema de política, como pensam, primariamente, algumas autoridades sanitárias. O problema, posto em bases sociológicas, deve ser solucionado à base da conquista do curandeiro e dos outros elementos da medicina prática — inclusive as parteiras e as curandeiros — para, através deles e do seu prestígio social, chegar-se à massa rural e a habitá-la a aceitar a medicina científica.

Claro que reduzidas as taxas de mortalidade e conservando-se as atuais taxas de natalidade, os programas oficiais de saúde pública e de educação deverão estimar e prevenir o crescimento dos novos e vultuosos contingentes humanos que, diluindo as atuais estruturas populacionais, após cada geração necessitarão não só de escolas e de assistência médico-sanitárias, mas, também, de trabalho.

Nos planos do desenvolvimento econômico regional, por isto, a presente está pressão demográfica, com todas as suas implicações sociais.

A baixa secular de mortalidade geral — de 30/35% para 15% — nas áreas subdesenvolvidas; a maior intensidade de mortalidade infantil (0 — 1 ano) e em todo o período de 0-14 anos; a maior intensidade na baixa de mortalidade exógena, pelas doenças transmissíveis; a melhoria e a mudança do padrão de vida, em consequência do próprio desenvolvimento econômico, tanto nas já sensíveis, o progresso da Medicina Preventiva; tudo isto tem sido as causas da alteração demográfica em que vivem os países subdesenvolvidos. Pode-se, entretanto, prever a baixa da natalidade, pois os fatores que estiveram na origem do fenômeno, nas áreas subdesenvolvidas, estão hoje atuando, ainda, mais intensamente, nas regiões tropicais vivendo as primeiras etapas do desenvolvimento.

Os valores sociais são hoje ainda mais favoráveis ao crescimento dos nascimentos do que o foram na Europa Ocidental, quando entrou a fecundidade a declinar, em tendência secular, nas áreas subdesenvolvidas das áreas tropicais já se situando firmemente na fase da revolução demográfica; a entrada das áreas tropicais nesta fase de evolução demográfica acarreta um retardamento geral do ritmo de crescimento.

Nos hospitais a consideração dos seus elevados coeficientes de mortalidade leva a um problema dos mais sérios que se tem de se produzir, pois, nessa estimativa se terá que levar em conta os infantes e os adolescentes mortos antes de che-

gar à idade de produzir, cujos ónus deverão ser repartidos entre os sobreviventes.

Na avaliação do custo absoluto de um homem são computados não só as despesas havidas com a sua manutenção e formação profissional, isto é a soma das despesas familiares que cobrem as suas necessidades pessoais, mas, também, a fração do custo coletivo dos serviços de saúde, instrução, segurança, etc.

Embora esse custo varie no tempo e no espaço, seguindo as categorias de população — baixa, média e superior — junto às quais as necessidades são diferentes, o fato é que as regiões tropicais o custo de formação de um homem representa larga fração dos seus orçamentos, pelos desfalques sofridos precocemente pelas gerações.

A mortalidade alta nos trópicos liga-se ao problema da habitação condicionante dos níveis de saúde; milhões de pessoas nas áreas tropicais vivem, em quadros urbanos ou rurais, nas mais miseráveis habitações, propiciando o seu ambiente insalubre de natureza diversa.

As paredes de taipa inferior ou adobe, os telhados de palha, o chão de terra batida, a ausência de água e a inexistência de instalações sanitárias favorecem aos vetores das doenças, afetando, de modo sensível o adverso, a saúde das populações, limitando seriamente o desenvolvimento econômico das regiões tropicais, cujos recursos humanos não podem, assim, ser integralmente utilizados.

A elevada concentração nos quadros urbanos dos maiores centros demográficos criou áreas marginalizadas em que largos efetivos humanos vivem em condições habitacionais as mais precárias.

As características físicas das habitações, a sua localização em terrenos inadequados, a não disponibilidade de serviços de água e esgoto, revelando índices econômicos e sanitários baixos, tudo isto são aspectos sociais importantíssimos a considerar na avaliação dos coeficientes de mortalidade e, notadamente, da mortalidade infantil (0-1 ano) e pré-escolar (1-4 anos), pois milhões de pessoas, nos trópicos, usam água de má qualidade e insuficiente e não dispõem do destino adequado para os seus dejetos.

A água abundante em algumas regiões tem sido creditada, entre outros fatores, à manutenção de taxas baixas de mortalidade; em áreas da Amazônia, por exemplo, os níveis de mortalidade são consideravelmente mais baixos do que no Nordeste: 30% mais baixos quanto à mortalidade geral e 30% mais baixos quanto à mortalidade infantil.

Em outras localidades — Palmares, entre nós, por exemplo — a instalação e funcionamento de um sistema de distribuição de água tratada reduziu, consideravelmente, os níveis de mortalidade e, principalmente, os de mortalidade infantil, isto obtendo uma redução na ordem de 30%, beneficiando o grupo etário de 0-1 ano pela redução da mortalidade por gastroenterites e diarreias.

É claro que, além do trabalho de construir e funcionar o sistema, é preciso manter o povo a usar a água tratada: isto só, portanto, dificuldades financeiras e administrativas, mas há, também, os obstáculos de natureza humana e psicológica.

Outro aspecto do problema da mortalidade liga-se à alimentação; se é verdade que a produção de alimentos tem aumentado, em quase todas as partes, há poucos índices de um avanço considerável para as soluções dos problemas fundamentais do binômio alimentação-população.

As amplas divergências entre o consumo das nações mais desenvolvidas e as de regime alimentar pobre parecem não ter diminuído, apreciavelmente, pois a produção e o comércio de alimentos não tem oferecido a flexibilidade desejada; ao contrário as restrições impostas, aqui e ali, impossibilitam o aproveitamento oportuno das disponibilidades de alimentos.

São inúmeras as repercussões havidas nas condições higiénicas da população, pela grave insuficiência do consumo de proteínas, principalmente animais, e da ingestão dos chamados alimentos protetores (carne, leite, ovos, legumes, frutas e verduras).

Em todas as regiões tropicais sensíveis melhoras no estado de saúde têm sido notadas junto a populações que passaram a adotar rações equilibradas e apropriadas.

Não vamos fazer maiores considerações, pois se nega a evidência de que a saúde, pois, com essas indicações sumárias feitas à margem da comunicação do Professor Scorzelli, é principalmente um assunto comunitário, segundo proclamava a "American Public Health Association", em recente congresso científico. E, ainda das respectivas conclusões, poder-se-ia concluir que se o médico comum é aquele que trata da enfermidade, o bom médico trata do paciente e o melhor médico trata da Comunidade.

Não há, mais, uma diferença absoluta entre as atividades da Medicina Preventiva e Curativa, tujas estruturas devem contribuir para minimizar as desigualdades regionais, no tocante à mortalidade e à doença, e ainda se notam entre as áreas desenvolvidas e as áreas não desenvolvidas.

Do mesmo modo que aos médicos se solicita o conhecimento das diferenças sociais, pelo conhecimento de Sociologia, Antropologia Cultural, Psicologia Social e Estatística Médica pois é essencial ao planejamento e à execução das atividades de saúde a distinção dos diversos grupos sociais e o estabelecimento da interrelação dos fatores que levam a doença e a morte, aos administradores se solicita uma nova atitude, a compreensão adequada de que despesas com saúde são um investimento em favor do futuro das comunidades para as quais, entretanto, de pouca valia são programas de saúde fora do alcance normal dos recursos públicos e particulares.

O conhecimento das correlações entre os níveis de saúde e os níveis econômicos, sociais, educacionais e habitacionais, implicará a integração do setor saúde aos planos do desenvolvimento de tuja política econômica não podem ficar isoladas as medidas destinadas a mudar as condições adversas da saúde: todo processo de desenvolvimento de áreas tropicais já o proclamou a Organização Sanitária Panamericana, deve ser capaz de aumentar o nível de saúde das populações a que se destina, assegurando uma população apta para o trabalho e capaz de contribuir para as atividades da produção.

Todos concordamos com o Prof. Scorzelli quando concluiu a leitura da sua comunicação que os baixos indicadores de saúde nos trópicos são provisórios; não fazem a marca definitiva da área mal conhecida e mal interpretada.

As doenças principais das regiões dos trópicos — quer as doenças de ocorrência, quer as epidêmicas e contagiosas — serão também vencidas nos trópicos, como o foram nas áreas hoje mais privilegiadas. A ciência e a técnica habilitarão os índices sanitários dos trópicos, mesmo nas áreas presentemente mais hostis à saúde do homem.

PROBLEMÁTICA UNIVERSITÁRIA

O HOSPITAL PEDRO II

Sobre a problemática do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco, ou seja, o Hospital D. Pedro II, publicamos dois depoimentos, o do dr. Amaury Coutinho e o do dr. Paulo Ferreira, ambos integrantes do Grupo de trabalho, dirigido pelo prof. Antônio Simão dos Santos Figueira e nomeado pelo Magnífico Reitor, Prof. Murilo Humberto de Barros Guimarães.

O prof. Amaury Coutinho é catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da U.F.Pe. e vem realizando importantes pesquisas no campo da cura da Esquistossomose Mansônica e foi o primeiro, no Recife, a empregar o Hycanthone, do Laboratório Winthrop, com absoluto êxito, com a cura de cinquenta portadores da terrível enfermidade que vem dizimando as populações rurais do Nordeste.

O prof. Paulo Ferreira, também catedrático da Faculdade de Medicina, fez, recentemente, parte do grupo de Planejamento do Instituto Nacional de Previdência Social, estando bastante capacitado para integrar a Comissão de Planejamento de Reforma do Hospital Universitário.



Apesar das dificuldades decorrentes da contenção de verbas, a Universidade Federal de Pernambuco não mede esforços no sentido de aparelhar da melhor maneira o Hospital das Clínicas — Pedro II. Assim, é que, recentemente, foi inaugurado o novo aparelho de Raio-X, que, ao lado de outras benfeitorias introduzidas nas diversas clínicas, aos poucos, vão capacitando aquele hospital para a realização dos estudos práticos necessários às Cadeiras da Faculdade de Medicina. Na foto, o reitor Murilo Guimarães, ladeado pelos professores Rosaldo Cavalcanti, Antônio Figueira e Amaury Coutinho, por ocasião das solenidades de inauguração do novo aparelho.

Simultaneidade de Ministérios e outras entidades no custeio e manutenção do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco, foi apontada como uma das soluções do problema do D. Pedro II.

Essa é a opinião do grupo de trabalho que vem estudando o problema. Passamos a palavra ao prof. Amaury Coutinho:

"A opinião pública urge ser melhor informada e esclarecida, realmente, sobre um dos mais destacados e complexos órgãos do contexto universitário, o seu Hospital das Clínicas", — disse ele, e prosseguiu: "Órgão que projeta, como nenhum outro, esta mesma Universidade dentro da comunidade a que serve e que, portanto, necessita do maior apoio e compreensão dos elementos dirigentes e de cúpula da Universidade e de todos os seus professores e alunos. Como também, e especialmente dos governos federal, estadual e municipal e dos setores mais representativos da nossa sociedade.

O CUSTEIO DE UM HOSPITAL DE ENSINO

"Para dar idéia do extraordinário custeio de um Hospital de Ensino de padrão elevado, Classe A, poderia mencionar o Hospital de Clínicas da Universidade de São Paulo, com um orçamento anual de 36 milhões de cruzeiros novos em 1966, para uma capacidade de 1.500 leitos e o Hospital do IPASE do Rio de Janeiro, com uma despesa calculada em mais de 45 milhões de cruzeiros novos no ano passado, ambos, como se vê, com orçamentos superiores ao de toda a Universidade Federal de Pernambuco".

A separação das despesas hospitalares de assistência das de ensino e pesquisa seria um começo de solução. As primeiras devem ser de responsabilidade do Ministério da Saúde ou das Secretarias de Saúde dos Estados e Municípios ou ainda, parcialmente, dos Institutos de Previdência ou entidades de benemerência.

As despesas de ensino e pesquisa, estas, seriam de exclusiva responsabilidade do Ministério de Educação e Cultura, através das Universidades e Escolas Isoladas ou das Secretarias da Educação e Cultura dos Estados e Municípios.

Situação semelhante vamos encontrar em funcionamento em vários outros países, como a França e a Inglaterra por exemplo, onde os Hospitais de Ensino e o pessoal docente são mantidos simultaneamente pelos Ministérios da Saúde e da Educação, o que tem permitido a remuneração adequada do pessoal em regime de tempo integral e, conseqüentemente, um grande surto de desenvolvimento médico e tecnológico.

OBJETIVO ÚNICO: QUE O HOSPITAL CUMPRA SUAS FINALIDADES

"O nosso Hospital de Clínicas, por ser na realidade um Hospital de caráter regional, pois atende, diariamente, doentes oriundos de todos os Estados do Nordeste além de ser sede, quase única, nesta região, de determinadas especializações e de equipamentos especiais necessita, urgentemente, da congregação de esforços de Governos, Universi-

dade e Coletividade", — frizou o prof. Amaury Coutinho, e continuou:

"É inadiável que os elementos dirigentes e de cúpula da Universidade e, obviamente, da Faculdade de Medicina, se comprometem do real valor e dos amplos e excepcionais objetivos do seu Hospital de Clínicas para que ele possa atingir um desenvolvimento científico e médico-hospitalar que honre a nossa Universidade e a nossa Região".

"Para que o Hospital cumpra suas finalidades é imprescindível o concurso simultâneo e harmônico dos Professores de Medicina, da direção da Universidade, isto é, o Magnífico Reitor e os dignos representantes dos Conselhos Universitários e de Curadores, das autoridades e Instituições governamentais federais — particularmente a Divisão de Ensino Superior do Ministério de Educação, o Ministério da Saúde, o INPS, a SUDENE, a CAPES, o Conselho Nacional de Pesquisas, — do Governo do Estado de Pernambuco e dos demais Governos estaduais do Nordeste, das prefeituras, dos representantes das classes produtoras da região, de todos em fim".

"Somente com a congregação das entidades mencionadas terá o nosso Hospital condições de atingir seus objetivos que podemos assim resumir:

Graduação de médicos, treinamento de graduados, visando ao aperfeiçoamento e especialização, preparo de pessoal para médico, pesquisa clínica, desenvolvimento da medicina na comunidade. Um hospital de ensino é aquele que tem suas atividades assistenciais ajustadas ao ensino e treinamento, sob a responsabilidade do corpo Docente de uma Escola Médica.

Como se sabe, juntou o prof. Amaury Coutinho, em sentido lato, qualquer hospital bem desenvolvido e com requisitos mínimos, constitui local de ensino, seja de graduação, seja de pós-graduação. No entanto, é tendência natural das Escolas de Medicina, concentrarem em Hospitais próprios ou cedidos por convênio, todas as suas Cátedras ou Departamentos do ciclo clínico, organizando o que se denomina entre nós, de Hospital de Clínicas da Faculdade de Medicina ou Hospital Universitário".

"Repetimos — salientou o prof. Amaury Coutinho. Somente com a conjugação de esforços das entidades citadas, podemos realmente, ter um Hospital de Ensino que cumpra suas finalidades primordiais".

E finalizou:

"Nosso grupo de trabalho vem reunindo esforços no sentido de encontrar em um mínimo espaço de tempo as soluções iniciais — sujeitas a revisões, — é claro — para que postas em uso venham a produzir os melhores resultados práticos. E estamos convictos da certeza de que vamos indo no caminho certo".

Um dos objetivos preconizados pelo atual Governo em matéria de Saúde Pública, é o de planejar as atividades, com economia de recursos e plenitude de aproveitamento do capital investido. Dentro desta norma vem trabalhando o grupo de médicos liderado pelo Prof. Antônio Figueira.

Além do depoimento do Prof. Amaury Coutinho, ouvimos também outro integrante da Comissão: Dr. Paulo Ferreira.

"A mudança de mentalidade do particular para o universal, é, a nosso ver, a meta prioritária, na solução dos problemas do Hospital das Clínicas" — declarou inicialmente o Dr. Paulo Ferreira à reportagem do JORNAL UNIVERSITÁRIO. "Nesse sentido — prosseguiu — já vamos obtendo muito. Sabe-se que, em matéria de hospital universitário, em todo o mundo, o catedrático era o dono, não apenas de sua cátedra como de suas instalações hospitalares, concorrendo, desse modo, para que tivéssemos um aglomerado de pequenos hospitais em lugar de um hospital geral. O sistema antigo, como é evidente, produzia multiplicidade de serviços e enorme desperdício de equipamento e de pessoal. Nesse ponto, vamos obtendo muito. Buscamos a centralização que significa a unificação de comando e, ao mesmo tempo, a unificação das áreas, que embora distanciadas funcionem de acordo com o controle central. Necessitamos de um mínimo de verbas a fim de pôr em um bom funcionamento, as áreas distanciadas".

O ESPAÇO DISPONÍVEL

"Nosso grupo, continuou o Prof. Paulo Ferreira, vem fazendo o possível para não construir nenhuma nova dependência, mas tão somente aproveitar ao máximo as áreas já existentes. Todas as modificações que julgamos necessárias, são submetidas ao parecer do arquiteto Florismundo Lins que vem nos acompanhando em nossos giros, dentro do Hospital, na procura de encontrar o mais equilibrado aproveitamento de áreas. E o que temos encontrado é o seguinte: enormes dependências destinadas a um certo fim e que jamais são usadas para coisa alguma e equipamentos encaixotados, do modo como saíram das fábricas e que assim permanecem por não haver áreas disponíveis para suas instalações. É obviamente evidente que tal estado de coisas não pode permanecer. Mas para que as modifiquemos — frisou — é imprescindível, o que afirmo inicialmente, mudança de mentalidade não apenas do corpo médico mas também dos universitários, dos poderes governamentais e da comunidade em geral".

AValiação DE EFICIÊNCIA

"Nosso planejamento visa o controle central, sobretudo para a avaliação de eficiência dos serviços médicos e do hospital-escola propriamente dito. Temos que levar em conta nossas disponibilidades é imaginar um sistema eficiente de estrutura administrativa. Foi o que fizemos em relação ao INPS. A coordenação de Assistência Médica determinou que a primeira tarefa deveria ser a de idealizar uma estrutura que permitisse controlar e coordenar os gastos da assistência médica dentro de um esquema administrativo simples e eficiente ao lado de um roteiro prático, capaz de possibilitar o levantamento dos custos operacionais, avaliando, conseqüentemente, o grau de eficiência dos programas desenvolvidos". "O INPS já vem obtendo os melhores resultados — afirmou o Dr. Paulo Ferreira — é lógico que o trabalho, o planejamento que estamos elaborando venha a ser dos mais eficientes na modificação estrutural de nosso Hospital-Universitário".

UFPe. tem centro para recuperar mutilados

Estão em fase de conclusão as obras para a instalação do CENTRO DE RECUPERAÇÃO DOS MUTILADOS BUCO-FACIAIS, anexo à Cadeira de Prótese e Traumatologia Maxilo-Faciais, da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pernambuco, que foi criado e aprovado em sessão do Conselho Universitário de 21.11.68. Este Centro, que é dirigido pelo prof. Antônio Varela, visa recuperar os pacientes vítimas de mutilações buco-faciais, efetuar o treinamento de alunos em níveis de graduação e de pós-graduação e congregar especialistas diferentes em trabalho comum de assistência, ensino e pesquisa.

Expansão

A criação do Centro é a continuidade e a expansão dos trabalhos desenvolvidos pelo prof. Varela, na Cadeira de Prótese e Traumatologia Maxilo-Faciais, antiga Cadeira de Prótese Buco-Facial.

O prof. Varela vem, desde que assumiu a cátedra da referida Cadeira, desenvolvendo em seu programa de ensino uma especialidade bastante importante da Odontologia, pois, enquanto prepara o futuro cirurgião dentista, proporciona a oportunidade de torná-lo apto a recuperar os mutilados buco-faciais.

Trabalhos e Pesquisas

Na Cadeira é dada ampla assistência à recuperação dos pacientes vítimas de mutilações buco-faciais, quer do ponto de vista cirúrgico e ortopédico, quer do ponto de vista da psicoterapia e da foniatría. São realizadas, entre outras, a Prótese Ocular, a Prótese Nasal, a Prótese Auricular e a Prótese das Fissuras Palatinas e Velo-Palatinas.

Várias pesquisas foram efetuadas visando a um melhor aperfeiçoamento dos trabalhos. Desta forma, numa ação pioneira, o prof. Varela começou a usar a Silicona, que era usada apenas em moldagem, na Prótese Facial. Também foi criado um aparelho, o Previsor Morfo-Cromático, para determinar as variações de cor da íris e que é usado na Prótese Ocular visando à igualdade entre as côres do olho natural e do olho artificial.

Trabalho Social e Humano

O trabalho desenvolvido na Cadeira de Prótese e Traumatologia Maxilo-Faciais e que será, de uma maneira mais ampla, realizado pelo Centro, não é um trabalho que visa à re-

cuperação da função (com exceção dos trabalhos de foniatría) mas, que visa à recuperação da estética. E, juntamente com a estética, é recuperado o psíquico, pois as mutilações faciais acarretam para o homem um trauma e uma inibição que são revelados na sua inadaptação às relações sociais.

É, portanto, uma Cadeira de profundo alcance social e humano, pois permite reintegrar em toda a sua plenitude elementos incapacitados.

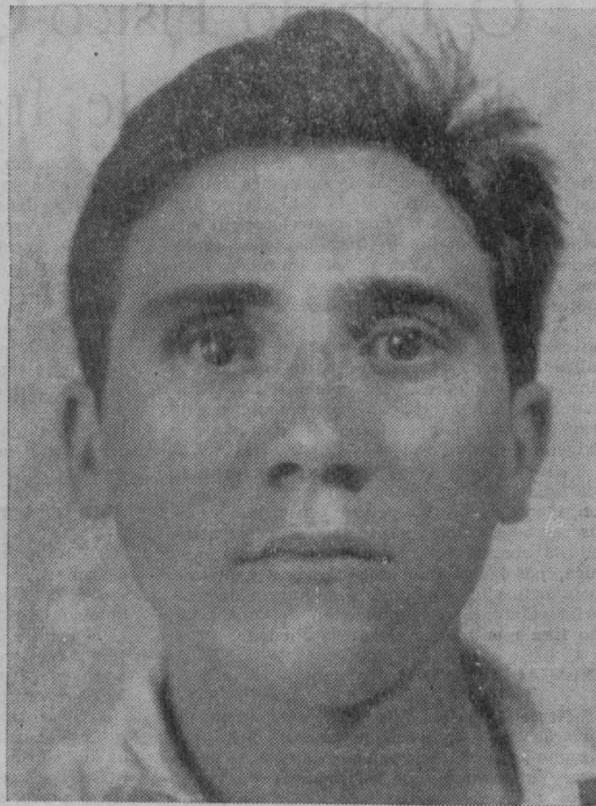
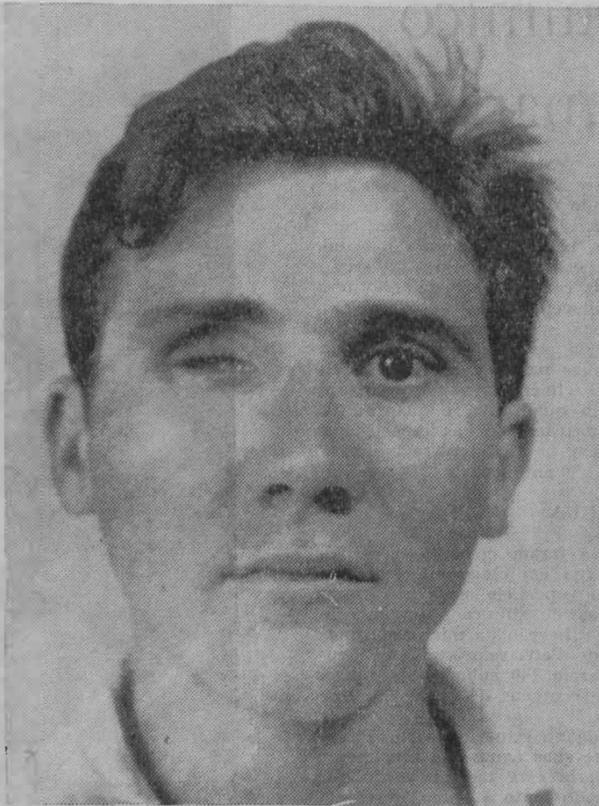
O Centro

O Centro de Recuperação dos Mutilados Buco-Faciais funcionará em dependências próprias, adaptadas e equipadas pela Universidade Federal de Pernambuco, podendo, entretanto, integrar com Cadeiras Clínicas os Serviços da Faculdade de Odontologia e de outras unidades da Universidade.

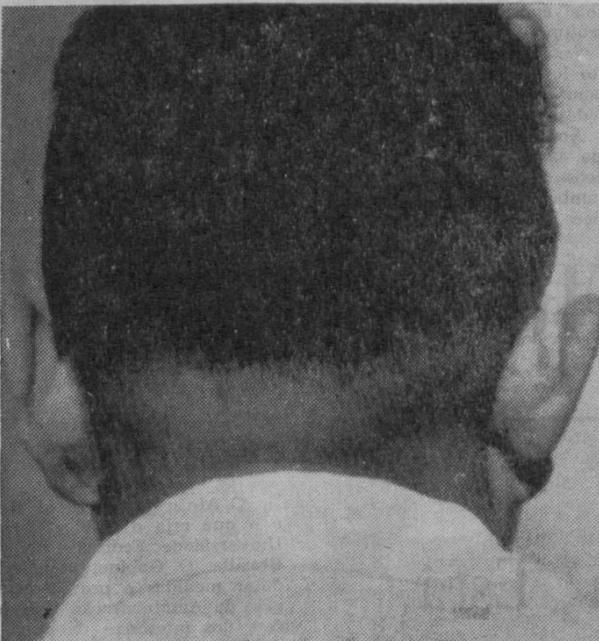
Sua manutenção correrá com recursos provenientes duma percentagem recolhida da renda dos atendimentos realizados pelos integrantes do Centro dos pacientes particulares e previdenciários atendidos pelo Serviço, em horário diferente das atividades didáticas e com acompanhamento de alunos estagiários.

Inicialmente, o Centro será integrado por especialistas nos seguintes setores: Prótese Reparadora Buco-Facial, Cirurgia Plástica, Traumatologia Maxilo-Facial, Patologia Oral e Dentisteria, Ortopedia Maxilar, Radiologia Dento-Maxilar, Foniatria e Psicoterapia.

Na visita que o repórter do Jornal Universitário fez ao prof. Antônio Varela, na Faculdade de Odontologia, este frisou o apoio que considerou "excepcional" dado pelo prof. Henrique Freire de Barros, diretor da Faculdade, e pelo Magnífico Reitor Murilo Guimarães para a instalação do Centro.



Este paciente foi submetido à Prótese Ocular na Cadeira de Prótese e Traumatologia Maxilo-Faciais



Este outro também se submeteu à tratamento. A recuperação é estética e psicológica

Mestra Gaúcha deu Curso de Dicção e Empostação de Voz na F. de Direito

A professora Ana Luisa Bueno Simas, do Centro de Educação Técnica do Rio Grande do Sul, ministrou um curso de dicção e oratória na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, do qual participaram alunos e professores. Foi promovido pela direção daquela unidade de ensino em colaboração com a Divisão de Expediente Escolar.

Para a escritora e poetisa Ana Luisa Bueno, o curso de dicção e empostação de voz deve ser incluído nos currículos dos estabelecimentos de ensino primário e secundário de todo o país, inclusive proporcionado a universitários. Pernambuco é o terceiro Estado onde aquela mestra realizou esse curso, sendo os dois primeiros Porto Alegre e Rio de Janeiro.

PARA PROFESSORES

Na opinião daquela educadora gaúcha, é principalmente aos professores que esse curso deve ser ministrado, "pois a voz significa o principal instrumento de trabalho do mestre. Por isso impõe-se que se proporcione a realização de cursos de dicção e empostação de voz, não somente aos mestres e estudantes mas a todas as pessoas que utilizam sua voz como instrumento de trabalho cotidiano".

"Acho tão importante a educação da voz, pelo fato de existir um desconhecimento total de quanto o homem desgas-

ta sua energia vital pelo uso errado da sua voz. As aulas são ministradas com exercícios de relaxação, respiração fônica, adequação da respiração (a fala), e desinibição total do aluno. Dessa maneira parece-nos que o trabalho atinge uma amplitude capaz de tornar a pessoa mais eficiente em qualquer atividade que exerça, pela calma e serenidade adquiridas durante o curso".

A professora Ana Luisa Bueno vê esse aspecto com tal serenidade que "ponho-o em primazia, prejudicando consequentemente até a minha produção artística, de poetisa e intérprete de poesia que sou".

CURRÍCULO

Declarou que o Centro de Educação Técnica do Rio Grande do Sul é a primeira instituição pública daquele Estado a incluir no seu currículo como disciplina a matéria "Técnica de Voz Falada". É a titular da Cadeira. Anteriormente lecionava Filosofia e História da Educação na Escola Normal de Porto Alegre. Está, atualmente, em disponibilidade do Centro de Educação Técnica do Rio Grande do Sul, a convite do seu diretor, professor Edi Przybisliki.

A mestra gaúcha alimenta esperança de que todos os Estados da Federação sigam o exemplo do Rio Grande do Sul, incluindo no currículo dos seus estabelecimentos de ensino público a disciplina "Técnica de Voz Falada". Para

isso se faz necessário uma preparação prévia de todo o corpo docente.

Argumenta, ainda, que o ideal seria que esse trabalho que vem desenvolvendo na educação da voz, seja iniciado com as escolas primárias, pois a criança tem naturalmente a flexibilidade dos órgãos fonadores, o que é muito importante para a empostação da voz, sem, no entanto, desatender a faixa dos adultos que já sentem as conseqüências do não atendimento no tempo oportuno.

Frisou que o desinteresse geral pela educação da voz, vem do desconhecimento dos prejuízos decorrentes para a saúde do indivíduo, em conseqüência do uso errado da voz. Recentemente recebeu convite do Instituto Nacional do Livro para que o seu Estado ponha-a à disposição do Ministério da Educação e Cultura, para que ele possa realizar uma série de cursos dessa natureza.

A ESCRITORA

Mas as atividades da professora Ana Luisa Bueno não se limitam apenas ao magistério. Ela, além de poetisa é também escritora. Seu primeiro livro publicado pela Editora Globo, de Porto Alegre, é intitulado: "Apenas para!". A sua próxima obra em poesia, a ser publicada ainda este ano, recebeu o título de "Prosegue". Na prosa, a escritora anunciou para este ano, a publicação do livro "Eduque Você a Sua Voz".

O Estudo Físico-Químico do Estuário de Itamaracá

O Laboratório de Ciências do Mar da Universidade Federal de Pernambuco iniciou um estudo físico-químico do estuário de Itamaracá, visando a efetuar posteriormente um levantamento completo das condições ecológicas, tendo em vista as possibilidades de um cultivo intensivo de peixes, crustáceos e moluscos, em bases científicas.

A parte físico-química do estudo está sendo executada em 14 "viveiros" de peixes, localizados no canal de Santa Cruz, que liga a Ilha ao continente. Vêm sendo feitas semanalmente coletas d'água para medidas de transparência, temperatura, pH, salinidade e oxigênio dissolvido.

Esse estudo vem sendo complementado por uma pesquisa biológica, coletas de plâncton, identificação dos peixes, crustáceos e moluscos, bem como análise das espécies através do conteúdo estomacal, composição química, peso, comprimento e sexo. Quanto ao zooplâncton, foi concluída a contagem do material referente ao zooplâncton de uma estação fixa mantida em frente à Piedade.

ESTAÇÃO CHUVOSA

Nesse trabalho foi dada uma idéia de variação anual do zooplâncton notando-se que o maior volume corresponde à estação chuvosa. Verificou-se que os gêneros de copépodos mais frequentes foram: Oithona, Corycaeus, Temora Centropagis, Oucacea, Euterpiva, Eucalanus, Macrosetella e Iabdocera.

Também, o zooplâncton coletado pelas Missões Canopus e Akarôa, continua sendo estudado, dando-se maior ênfase ao Phylum Chaetognatha. Já foi iniciada a contagem dos organismos das amostras coletadas, tendo sido classificados até agora 453 indivíduos de 8 espécies.

Ainda com relação ao zooplâncton vem sendo dada uma atenção especial ao estudo do desenvolvimento larvar do *Mytella falcata*, (sururu), visando principalmente esclarecer o processo de repovoamento da lagoa, após as épocas de inverno, quando a população do molusco praticamente desaparece.

Viagens quinzenais são realizadas à la-

goa Mundaú, em Maceió, para coletas de amostras e análises imediatas das mesmas, com vistas à densidade dos ovos e larvas de moluscos presentes. Já foram coletadas cerca de 300 amostras, não somente para o estudo das larvas, mas também de outros grupos plânctônicos, tais como: Copépodos, Rotifera, Poliqueta e Cladocera.

Inclusive como parte complementar do estudo foi iniciada pesquisa para estudo das leveduras marinhas na área de Piedade, objetivando o conhecimento dessa espécie, sob o ponto de vista qualitativo e quantitativo. Serão evidenciadas também as espécies patógenas ao homem, as de interesse industrial e as produtoras de antibióticos.

AMOSTRA D'ÁGUA

Paralelamente foram coletadas cerca de 50 amostras d'água em cinco diferentes estações e todas na superfície. Para isso, foram aplicadas técnicas de diluição, implantação, repicagem e identificação de microrganismos. Nas 200 placas de Petri semeadas com água do mar, germinaram 140 colônias de fungos leveduriformes e centenas de outras de fungos filamentosos.

Foi constatado no estuário do Rio Paraíba do Norte, que suas águas são atualmente turvas e o estuário está tão assoreado que até o porto, situado junto à barra, apresenta problemas para atracação de navios de cabotagem. Os outros ancoradouros existentes no estuário, outrora de certa importância para a economia local, estão fora de uso. Este estuário tinha sido estudado anteriormente em 1899, ou seja, antes do início da atual era industrial. Naquela época suas águas eram limpidas e a profundidade permitia a navegação.

Está sendo feito levantamento de todas as informações disponíveis concernentes à macrofauna benthica dos estuários de Pernambuco e da Paraíba. Apresenta a zonação e distribuição da fauna, bem como fornecerá uma lista dos crustáceos decépodos e dos esópodos. Analisará também as relações ecológicas e zoogeográficas da fauna existente.



IVANCIR CASTRO REPRESENTA A UFPe.

Cirurgia Otológica Está Bem Desenvolvida na UFPe.

Os Cirurgiões Otológicos são escassos em nosso país e concentram-se em três cidades do sul: Rio, São Paulo e Porto Alegre. Contudo, para todo o Norte e Nordeste, o Recife é o quarto centro de renomados e qualificados otologistas brasileiros: Professores Geraldo de Sá, Mário Meira Lins, Nelson Caldas, Agnaldo Jurema.

A Clínica Otorrinolaringológica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco conta com outros especialistas para as enfermidades da laringe e do nariz: Professores José Menezes de Lima, Hilário Gurgel, Isaac Kauffman.

O número de médicos que se dedica à Otolgia, isto é, à cura das doenças do ouvido, é, relativamente, reduzido, em nosso país. Os otologistas concentram-se em três cidades do sul: Rio, São Paulo e Porto Alegre. Daí para o Norte e Nordeste, somente o Recife possui otologistas realmente capacitados para às delicadíssimas operações do complexo aparelho de audição humano. Esses especialistas, todos com cursos no Exterior, são os professores Geraldo de Sá, Agnaldo Jurema, Nelson Caldas e Mário Meira Lins. O Recife, pode orgulhar-se, portanto, de possuir, não apenas o maior número de cirurgiões otologistas do país, como os mais qualificados especialistas em otologia.

Clínica Otorrinolaringológica

A Clínica Otorrinolaringológica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, com sede no Hospital das Clínicas (Pedro II) tem como diretor o Professor Geraldo de Sá, ca-

todático, e conta com os adjuntos, professores José Menezes de Lima e Agnaldo Jurema e os assistentes, professores Nelson Caldas, Hilário Gurgel, Isaac Kauffman, Mário Meira Lins e um bolsista, o doutorando Rivaldo Bernardo de Oliveira.

Ouvido, Nariz, Garganta e Endoscopia

A Clínica Otorrinolaringológica atende doentes de ouvido, nariz, garganta e atende também casos de endoscopia, ou seja, casos em que pacientes engolem objetos, tais como dentaduras, moedas, chaves, etc.

Dois tipos de Atividades

A Clínica tem dois tipos de atividades: as de ensino e as atividades assistenciais. As atividades de ensino incluem aulas teóricas e práticas, bem como investigações clínicas e cirúrgicas, além de orientação de médicos nos setores específicos da Clínica. O curso é dado em dois períodos: um para cada turma do 5º ano de graduação.

O serviço assistencial atende, no ambulatório, três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras, numa média de 12 a 15 doentes de primeira visita e outro tanto de doentes de casos de evolução.

A parte cirúrgica é realizada às terças e quintas-feiras e aos sábados. A Clínica possui doze leitos para internamento e um ambulatório bastante completo, no qual são atendidos os casos clínicos, os de endoscopia, com o prof. Hilário Gurgel, e os de Otorrinologia com o prof. Isaac Kauffman.

Vale frisar que, tanto o catedrático, Prof. Geraldo de Sá, como seus assistentes, possuem, todos eles, cursos na França e nos Estados Unidos. É uma pena constatar que, por falta de verbas, a Clínica se ressinta, não propriamente de aparelhagem, mas de peças delicadas de importação estrangeira, que faz com que um corpo clínico tão altamente qualificado, deixe de atuar em grande número, casos específicos.

A nossa Universidade é a segunda do Brasil a se fazer representar no Distrito Federal.

O Ato nº 5 de 2 de abril do corrente ano, é o que cria o Gabinete Representativo da Universidade Federal de Pernambuco, em Brasília. O Gabinete tem como objetivo adotar medidas e providências, junto aos órgãos da Administração Federal, visando à defesa dos interesses da nossa Universidade.

São atribuições do Gabinete Representativo da U.F.Pe. (GRUFPE):

- Cuidar dos interesses da Universidade Federal de Pernambuco, junto aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário da União, suas autarquias, sociedades de economia mista e demais órgãos da Administração Federal, ou representações de Administrações Estaduais ali sediadas;
- oferecer à representação do Estado de Pernambuco, no Congresso Nacional, assessoramento nos trabalhos de interesse da Universidade;
- manter um serviço permanente de informações, divulgação e intercâmbio, com relação a assuntos culturais, administrativos e econômico-financeiros que interessem ou se reflitam na Universidade.

O Gabinete de Representação da Universidade é diretamente subordinado ao Reitor e, quando devidamente autorizado, poderá cuidar também dos interesses das demais instituições do ensino superior de Pernambuco, em Brasília.

O pessoal necessário aos serviços do GRUFPE, inclusive o Chefe, será recrutado nos quadros de pessoal da Universidade, ou solicitado a outros órgãos da Administração Federal, centralizada ou autárquica.

Poderá ainda o Gabinete, mediante indicação justificada, especialmente no que concerne à conveniência, recrutar pessoal fora do serviço público, mediante contrato, prestação de serviços eventuais ou com o pagamento sob a forma de honorários, relativos à tarefas específicas, em qualquer hipótese dependendo de prévia e expressa autorização do Reitor.

IVANCIR CASTRO FOI O NOME ESCOLHIDO

O nome escolhido pelo Reitor Prof. Murilo Humberto de Barros Guimarães, para chefiar o Gabinete Representativo da Universidade em Brasília, foi o do seu assessor, Economista IVANCIR GONÇALVES DA ROCHA CASTRO, o qual foi nomeado pela Portaria nº 95/69.

CURRÍCULO

- Laboratorista
- Auxiliar da Secretaria
- Chefe da Seção de Contabilidade
- Chefe da Seção Pessoal
- Chefe da Seção de Expediente
- Membro da Comissão de Reforma do Regimento Interno
- Presidente de 3 Comissões de Inquérito
- Secretário do Concurso de Habilitação durante 5 anos. (Esc. de Engenharia)
- Secretário da Escola de Engenharia durante 4 anos (Todos os lugares acima na Escola de Engenharia)
- Membro do Grupo de Trabalho de Atividades Acrescidas da Universidade
- Diretor da Divisão de Expediente Escolar da Universidade
- Membro de 3 Comissões de Inquérito da Universidade
- Coordenador e representante da Universidade, junto às Forças Armadas no "Projeto Nordeste".
- Assessor da Comissão de Instalação do "Centro Regional Universitário de Treinamento e Ação Comunitária" (CRUTAC) em Pernambuco
- Coordenador do Concurso de Habilitação de 1967 (Centralizado na Reitoria)
- Assessor da Comissão do Concurso de Habilitação de 1968 (Centralizado na Reitoria)
- Secretário Geral do Concurso de Habilitação de 1969 (Centralizado na Reitoria)

TÍTULOS E CURSOS QUE POSSUI

- Técnico em Contabilidade, diplomado pela Escola Técnica da FCE-UR
- Curso de "Psicologia Aplicada ao Trabalho", ministrado pelo Prof. Myra Y. Lopez
- Curso "Um Diagnóstico Administrativo do Brasil", ministrado pelo Prof. Benedito Silva
- Curso de Administração Superior (concluído até o 2º ano)
- Representante de turma na Faculdade de Ciências Econômicas
- Orador da "Turma Presidente Kennedy"
- Presidente da Comissão de Formação de Economistas da mesma turma
- Participante de palestras e conferências sobre "Desenvolvimento Econômico e Métodos Administrativos" em Porto Rico e nas seguintes cidades dos Estados Unidos da América do Norte: Miami, New Orleans, Washington, Nashville, New York e Chicago
- Cidadão Honorário de New Orleans
- Bacharel em Ciências Econômicas pela F. C. E. — U.F.Pe.

Profa. Genisa Bulhões Assumiu Direção da Faculdade de Farmácia

A professora Genisa Bulhões já assumiu a direção da Faculdade de Farmácia da U. F. Pe. As solenidades foram presididas pelo Reitor Murilo Guimarães, no salão nobre daquela unidade de ensino. Anunciou como obras prioritárias da sua administração a criação de centros de treinamento profissional, da farmácia-escola, do laboratório semi-industrial de produtos farmacêuticos, do ambulatório para Análises Clínicas e incrementação da pesquisa fitoquímica.



A professora Genisa Bulhões, nova diretora da Faculdade de Farmácia

Ao ser aberta a sessão, a nova diretora da Faculdade de Farmácia fez o juramento de praxe, sendo, em seguida, empossada pelo Magnífico Reitor. A seguir, usou da palavra o professor Ferreira dos Santos, em nome da Congregação, tendo enaltecido as qualidades da professora Genisa Bulhões, principalmente como sua assistente na Cadeira de Farmacognóssia. A estudante Sílvia Gonelle falou em nome do corpo discente. Transmitiu a satisfação e regosio das colegas pela ascensão daquela educadora ao cargo de diretor.

PALAVRAS DA DIRETORA

"Manifestando-se, já na minha infância, uma marcante inclinação vocacional para as coisas da Farmácia, tive, logo, definida, a minha profissão. Ao realizar meu Curso de graduação nesta Faculdade, encantada com essa ciência que é a Farmacognóssia, encaminhei-me, despercebida, ao umbral do magistério, acenada que fui, em 1951, pelo professor Ferreira dos Santos, para ocupar, inicialmente, o cargo de monitor da Cátedra a seu cargo. Daí, erguendo com trabalho e dedicação, os diferentes degraus que me conduziram ao posto atual, galguei-os ocupando os cargos de Assistente Voluntário, Assistente Efetivo, Chefe de Laboratório e, finalmente, de professor Adjunto.

"Relembro, — continuo, — com inconstante emoção, quando, em certa tarde de fins de agosto de 1962, era eu convocada, insistentemente, por aquele mestre, para aceitar o cargo de Assistente Efetivo, que me oferecia. Relutante, intransigentemente declinei, agradecida, daquela honraria, e, por duas razões: primeiro, porque estava bem próximo a chegada de um ser que seria o bem maior de minha existência, a minha filha; segundo, pelo medo, pelo receio que sentia, tão jovem ainda, ao pensar no fato de enfrentar uma turma de alunos, de ministrar uma aula em substituição ao tarimbado mestre. Traída por este, poucos dias após o nascimento de minha filha, vi-me na contingência de assinar meu termo de posse, e, pior ainda, via uma semana após, seguir para a Argentina como participante de um Congresso, o professor Ferreira dos Santos, deixando em minhas mãos uma Cátedra cujas dimensões eu jamais poderia, naquela época, vislumbrar.

Decorridos 17 anos, recebo das mesmas mãos, o cargo de diretor da Faculdade de Far-

mácia, tendo sido já cientificada pelo mesmo professor de que viajarei, dentro de poucos dias, para, como naquela época, participar de um Congresso. Entrega-me, entretanto, ele, agora, não aquele pequeno barco em que viajamos juntos rompendo tempestades, aproveitando as calmarias, valendo-nos dos ventos impulsionadores, avançando, sempre, cada vez mais rápidos pelos caminhos que conduzissem a nossa Farmacognóssia ao porto onde se encontrasse a sua real finalidade, simbolizada pelo binômio ensino-pesquisa, atual, dinâmico e progressista; mas, entregue-me, isto sim, um navio de tripulação complexa cujo destino espero seja guiado por Deus para chegar a um igual porto onde se encontrem os empreendimentos, as realizações possíveis, pois não podemos parar numa época caracterizada pelos requintes da técnica moderna, do controle remoto, do cérebro eletrônico, dos sons estereofônicos, das drogas psicodélicas, das astronaves, dos satélites de telecomunicações.

REALIZAÇÕES

"Estando a Farmácia situada entre a área de saúde e a área das ciências físico-químicas, requer, na seara dos conhecimentos que são transmitidos aos jovens, aos que nela se especializam, um aprimoramento de técnicos, para o que é indispensável obter-se instalações apropriadas e aparelhagem específica, bem como a criação de centros de treinamento profissional, próprios, que, sem dúvida, num futuro próximo, estarão bem representados pela farmácia-escola, pelo laboratório semi-industrial de produtos farmacêuticos, pelo ambulatório para Análises Clínicas e pela iniciação à pesquisa fitoquímica, isto sem enumerar os demais vastos campos de pesquisa, que, de certo, se desenvolverão com a ajuda porventura proporcionada pelo nosso governo, pelas entidades de classe e através de convênios a serem programados e propiciados pela nossa Universidade".

APOIO DO REITOR

Encerrando as solenidades o professor Murilo Guimarães fez breve discurso, reportando-se ao problema da administração da coisa pública. Assegurou que, a Reitoria, dentro das suas possibilidades, não medirá esforços no sentido de ajudar a professora Genisa Bulhões a realizar uma profícua administração.

Universidade Especializa e Aperfeiçoa Seus Alunos

Conforme noticiamos em nosso número anterior foram já instaladas as duas primeiras pró-reitorias e empossados os pró-reitores, Profs. Newton Sucupira e Marcionilo Lins.

A pró-reitoria para assuntos extraordinários de Pesquisa compete elaborar planos concernentes à concessão de bolsas de pós-graduação, especialização, aperfeiçoamento e iniciação científica. Procuramos ouvir o pró-reitor, prof. Marcionilo Lins sobre as bolsas concedidas no corrente ano.

Iniciação Científica

Um total de oitenta bolsas foram concedidas este ano, assim especificadas: Medicina 40, Instituto de Biociências 12, de Antibióticos, 4, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2; Instituto de Geociências, 5; Instituto de Micologia, 3; Instituto de Nutrição, 2; Faculdade de Educação, 3; de Farmácia, 2; de Arquitetura, uma bolsa. Escola de Engenharia, 2 e Escola de Química, 9 bolsas para iniciação científica.

Bolsas Básicas e Profissionais

De acordo com as áreas em que são feitos os estudos de iniciação científica as bolsas são destinadas a atividades profissionais ou de ensino básico.

As bolsas de ensino básico foram distribuídas nos seguintes Institutos: Antibióticos, Biociências, Filosofia e Ciências Humanas, Geociências e Geologia, Micologia e Nutrição. Também na Escola de Química e na Faculdade de Medicina nos seguintes setores: Anatomia, Fisiologia, Farmacologia e Terapêutica experimental, Anatomia Patológica, Microbiologia e Parasitologia profissional.

Bolsas para Atividades Profissionais

A Faculdade de Medicina, além das bolsas para estudos básicos, concede também bolsas para atividades profissionais nos seguintes setores: Psiquiatria, Higiene, Medicina Preventiva e Social, Oto-rino-laringologia, Ginecologia, Obstetrícia, Medicina Clínica, Neurologia.

Outras bolsas para atividades profissionais foram distribuídas nas seguintes faculdades: de Educação, de Farmácia, de Arquitetura e de Engenharia.

Bolsas de Pós-Graduação

Um total de 28 bolsas destinaram-se a cursos de pós-graduação, das quais, onze fora do Estado. Uma bolsa de Micologia, no Uruguai; Sete pós-graduados do Instituto de Física são bolsistas no Rio. Geociências tem um bolsista no Rio Grande do Sul. A Faculdade de Medicina tem um bolsista em São Paulo e o Instituto de Biociências um bolsista no Rio e sete aqui no Estado. A Faculdade de Medicina tem sete bolsistas aqui mesmo e o Instituto de Antibióticos tem um bolsista igualmente aqui no Estado.

Assim vão sendo especializados e aperfeiçoados nossos futuros profissionais ou cientistas pesquisadores. A pró-reitoria para assuntos extraordinários de Pesquisa vem agora elaborando as normas disciplinadoras para a perfeita execução do seu vasto programa para o corrente ano letivo.

Abertas Inscrições Para Concurso Mario de Andrade

Estarão abertas, até 31 de outubro, as inscrições ao 24º Concurso "Mário de Andrade", de monografias sobre o folclore nacional, instituído pela Discoteca Pública Municipal, do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de São Paulo.

Os trabalhos deverão ser inéditos, com um mínimo de 30 páginas datilografadas, em três vias, apresentados com pseudô-

nimo e acompanhados de envelope lacrado, contendo a identificação dos autores.

Serão conferidos três prêmios não desdobráveis. Primeiro lugar no valor de NCr\$ 5.000,00; segundo lugar, no valor de NCr\$ 2.000,00 e o terceiro lugar no valor de NCr\$ 1.000,00.

Os trabalhos deverão ser entregues até às 17,30 horas do dia 31 de outubro de 1969, à Discoteca Pública Municipal, à Avenida

Briçadeiro Luís Antônio, 278, 7º andar, São Paulo, Estado de São Paulo.

Somente serão levadas em consideração as monografias que apresentarem o resultado de pesquisas pessoais, feitas por seus autores em campo, e os resultados que, embora não satisfizessem essa exigência, revelarem pontos de vista originais na interpretação de dados bibliográficos sobre o folclore nacional.

Vicente do Rêgo Monteiro nasceu no Recife, a 19 de dezembro de 1899. Estudou desenho, pintura e escultura em Paris (1911-14). Participou do concurso para o Monumento aos Heróis de 1817, em Recife (1917). Tomou parte na Semana de Arte Moderna de 1922, sendo um dos pioneiros do Futurismo e do Cubismo no Brasil. Foi um dos fundadores do "Salon des Surindépendants", Paris (1930). Decorou a Capela do Brasil no Pavilhão do Vaticano, na Exposição Internacional de Paris (1937). Diretor da Imprensa Oficial do Estado de Pernambuco, professor de desenho no Ginásio Pernambucano e fundador da Revista Renovação (1938-1946). Em Paris (1947-1956) funda a revista e editora "La Presse à Bras", publicando p'quetes de poesia de autores franceses e patrocina o 1º Congresso Internacional de Poesia, bem como o "Salon de Poesie" que se vem realizando cada ano sem interrupção. De 1957 a 1966 foi professor catedrático de Pintura da Escola de Belas Artes de Pernambuco. Foi Diretor de Turismo de Olinda (1966) Professor do Instituto Central de Artes da Universidade de Brasília (1966-1968). Em 1969 reassumiu sua cátedra de Pintura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco. Vicente desempenhou durante muitos anos função de jornalista, crítico de poesia e crítico de arte, foi ainda promotor de diversos movimentos artísticos em Pernambuco, diretor de Galeria de Arte e fez também cinema (1932).

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

1919-1921 — Exposições em Recife, Rio, São Paulo. 1925 — Galerie Fabre, Paris. 1928 — Galerie Bernheim Jeune, Paris. 1937 — Galerie K. Granoff, Paris. 1947 — Galerie Visconti. 1956 — Galerie de L'Odéon, Paris. — 1957 — Clube dos Seguradores e Banqueiros, Rio. 1958-1967 — Galerie Royale, Galerie Yves Michel, Galerie Rcr Vo'mar, Galerie de La Baume, Galerie R.G., Galerie Debret, Paris. 1966 — Retrospectiva no Museu de Arte de São Paulo.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

1913-1929 — Salon des Indépendants. 1923-1924 — Sa'on des Tuileries. 1925 — Salon d'Automne. 1930 — Galerie Zack, Grupo Latino-Americano, Paris; I Exposição da "École de Paris", Recife, Rio e São Paulo. 1930-1931 — Sa'on des Surindépendants, Paris, 1948-1952 — Salon de Mai, "Mur des Poèmes". 1966 — Galerie Debret, Pintores Brasileiros de Paris. 1967 — Galerie K. Granoff, Pintores, Escultores e Poetas.

PRÊMIOS

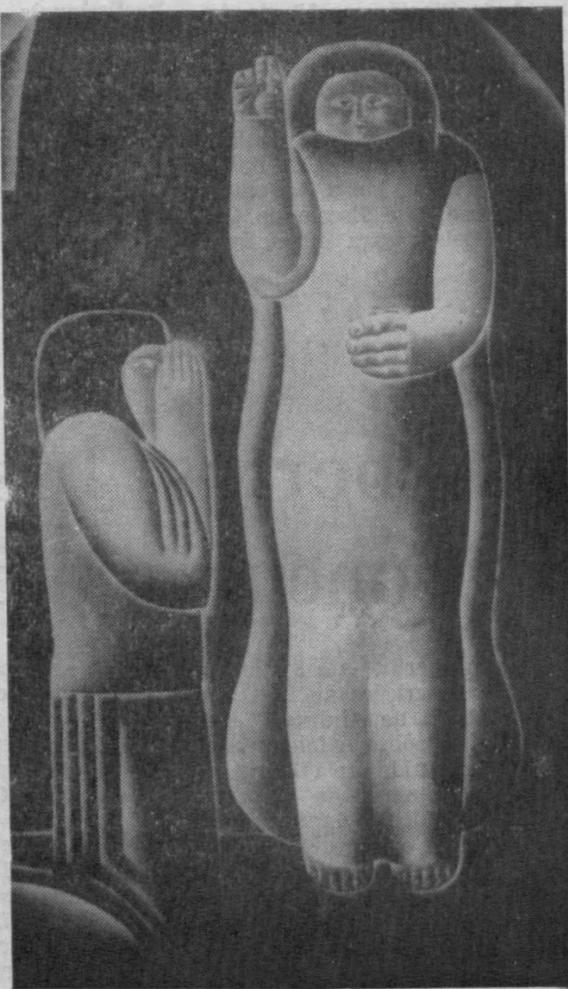
1943-1944 — Primeiro Prêmio de Pintura Sa'ão do Estado de Pernambuco. 1960 — Como poeta, Prêmio Guillaume Apollinaire, em Paris, com o livro de poesias "Broussais — La Charité".

OBRAS EM MUSEUS

França: Museu de Grenoble, "Jeu de Paume" e "National d'Art Moderne". Bélgica: Palais des Congrès de Liège. Brasil: Museu do Estado de Pernambuco, de Arte Moderna da Bahia, de Arte de Campina Grande, de Arte Contemporânea de São Paulo.



MULHER E GALINHAS



ANUNCIAÇÃO

UM PINTOR PERNAMBUCANO

Vicente do Rêgo Monteiro

Seria inútil pretender-se apagar a presença do Recife nos movimentos de renovação da cultura — inclusive da arte — que marcam no Brasil a década 20. Não teve o brilho da presença paulista; nem houve aqui um Graça Aranha, já glorioso ao tornar-se modernizante. Nem por isso deixou de partir do Recife, naqueles dias, todo um vigoroso ímpeto de renovação ou de modernização das letras, dos estudos e das artes nacionais.

Nas artes plásticas — pintura e escultura — houve um pioneiro magnífico saído do Recife e formado em Paris: Vicente do Rêgo Monteiro. Curioso ter eu o conhecido — sendo ambos recifenses — não no Recife mas em Paris. Interessante ter a nossa amizade se desenvolvido em Paris — em cafés de Paris — participando dela dois admiráveis paulistas — Tarsila e Brecheret. Tarsila e Brecheret recebiam, então, os mesmos estímulos parisienses e modernizantes que Vicente e eu assimilávamos ao nosso brasileiro: Vicente nas duas artes da sua predileção, a escultura e a pintura; eu no meu modo já então inclassificável de pretender ser escritor e até pensador de um novo tipo, a um tempo revolucionário e conservador.

Vicente foi, talvez, o maior dos pioneiros da modernização das artes no Brasil que, cronologicamente, data de 1922 e da Semana de Arte Moderna em São Paulo. Maior do que a insigne Tarsila — por ter sido, desde o seu início, como artista renovador, um modernista impregnado de indianismo. Maior — pelo mesmo motivo — do que Brecheret. Sob possíveis sugestões do Regionalismo Tradicionalista e, a seu modo, Modernista, do Recife parece ter se antecipado a esses dois e a Leão Veloso, Anita Malfati, Emiliano Di Cavalcanti, Goeldi — os outros vigorosos pioneiros de 22 no Rio e em São Paulo — em seu interesse pelo negro, pelo trópico, pela região, pela tradição, dentro de formas arrojadamente novas ou modernas de expressão.

E esses seus brasileiríssimos interesses, sempre sob a sua imensa, assombrosa capacidade para dar ao seu brasileiro potência artística: o máximo de potência artística. Quem na sua geração, o excedeu no Brasil, em potência artística? Modernista, sim, ou antes, moderno. Brasileiro, sim, e até indianista e mesmo negrófilo. Mas sobretudo — e um tanto à maneira de um Picasso tropical a quem faltasse, talvez por ser tropical, a energia sistematicamente criadora do espanhol — um genuíno artista. Um insaciável artista. Dispersivo. Boêmio. Irrequieto. Mas patentemente, honestamente, criadoramente — sempre artista. O artista que continua a ser: a magnificamente ser.

Já é Vicente do Rêgo Monteiro uma figura em processo de justa, justíssima reabilitação no Brasil: reabilitação que tem um dos seus campeões num mestre de crítica e de história da pintura da eminência do Professor Pietro Maria Bardi, de São Paulo e da Itália. O Recife, sua cidade natal, não pode conservar-se de todo a'heio a essa reabilitação. Reabilitação que nada tem de sentimentalesca. Nem é simples expressão de elegância caridosa para com um artista que, já provento na idade, envelhece sem ter alcançado no seu país e na sua província o renome e a consagração que merece.

Trata-se de pura justiça artística e de puríssima justiça histórica. Ninguém, como pintor, mais digno da admiração brasileira do que Vicente. Nenhum artista, dentre os que, historicamente, pertencem à famosa Semana de Arte Moderna de 1922 (São Paulo), mais merecedor dessa admiração, do que esse recifense-parisiense a quem nunca faltou o sentimento pan-brasileiro.

Gilberto Freyre